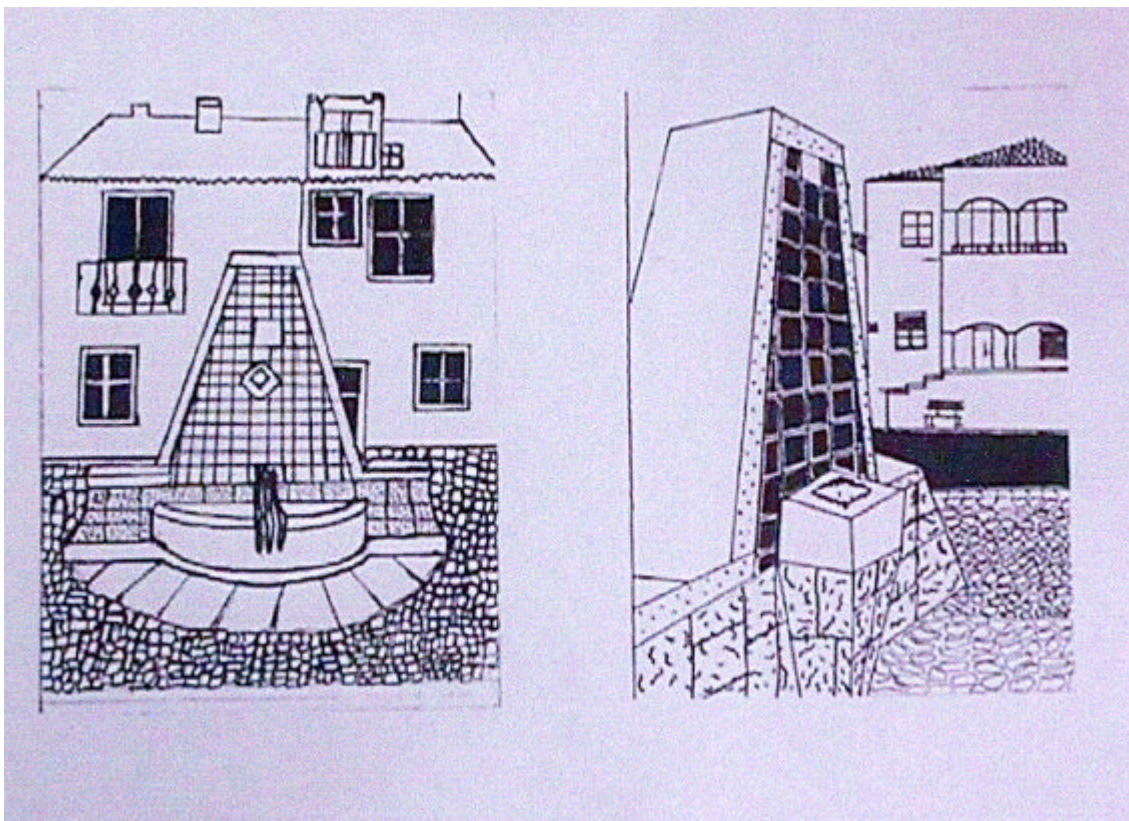


ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL

O ABASTECIMENTO PÚBLICO DE ÁGUA NO CONCELHO DO SEIXAL



Chafarizes: desenhos de David Rei e João Caço, a partir de fotografias de Rita Mendes, alunos de 6º ano da Professora Manuela Rolão – ano lectivo 2002/2003, Escola B 2, 3 António Augusto Louro.

No âmbito do levantamento e inventário de património cultural imóvel do Concelho, o Ecomuseu vem realizando o inventário de marcos fontanários, chafarizes, lavadouros e poços públicos, associado ao estudo do abastecimento público de água no Município.

Prevendo-se uma futura edição temática, divulgam-se agora neste site, com a devida contextualização histórica, os primeiros elementos de caracterização de uma série de testemunhos relacionados com o abastecimento público de água, considerados dignos de classificação municipal.

O presente estudo, embora em fase de aprofundamento, procura contribuir não só para um melhor conhecimento da história do abastecimento público de água ao concelho do Seixal e das razões subjacentes à localização dos actuais chafarizes, fontanários, poços e lavadouros públicos no território concelhio, mas pretende ainda contribuir para uma maior sensibilização e mobilização em prol de uma melhor racionalidade da água enquanto recurso indispensável à nossa sobrevivência (não só em termos de uso doméstico, mas também no seu uso produtivo, quer em regadio quer nas indústrias locais).

No ano 2003 em curso, em que se comemora o **Ano Internacional da Água Potável**, esta primeira parte do estudo dedicado ao abastecimento público de água no concelho do Seixal também visa contribuir para melhor conhecermos qual o lugar que a água ocupou no desenvolvimento da identidade das nossas cidades e freguesias, concorrendo para caracterizar a paisagem urbana e os lugares do concelho do Seixal.

Ficha Técnica

Concepção e coordenação Geral do Projecto / Graça Filipe

Investigação Histórica / Fátima Afonso - Equipa de Inventário e Estudo do Património Industrial

Levantamento e Inventário de Património (marcos fontanários, chafarizes, lavadouros e poços públicos) / João Paulo Santos (Arquitectura) e Laudelina Emídio (Recolha Oral)

**CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DO ABASTECIMENTO PÚBLICO DE ÁGUA
NO CONCELHO DO SEIXAL
(DO SÉCULO XVIII A MEADOS DO SÉCULO XX)**

No plano hídrico, o território do concelho do Seixal caracteriza-se pela existência de uma grande quantidade de água subterrânea disponível, o que justificará um elevado número de poços identificados no interior das quintas situadas no concelho. Existem várias linhas de água que percorrem a região, entre as quais destacamos como principal o rio Judeu, que desagua directamente no Tejo.

Recorrendo à análise biofísica efectuada por Cristina Castel-Branco, os factores geomorfológicos que caracterizam a região que constitui actualmente o concelho do Seixal dependeram essencialmente de sedimentação e carrego, através dos materiais detríticos trazidos pelo Tejo e depositados nesta área. No que respeita à disponibilidade em água potável, “a informação da *Carta Hidrogeológica de Portugal*, mostra a área do Seixal situada sobre uma mancha de permeabilidade geralmente elevada. Na pequena área que esta península ocupa encontram-se três furos de artesianismo positivo, e captações públicas de água subterrânea superiores a 60 l/s, indicando uma grande disponibilidade hídrica que justifica a existência de várias nascentes...” (CASTEL-BRANCO, 1992: 144).

Apesar desta grande disponibilidade hídrica, o abastecimento público de água encontra-se documentado, desde há muito tempo, como uma das principais preocupações de sobrevivência e salubridade das populações residentes em espaços urbanos do concelho. Assim, nas “Memórias Paroquiais” (resposta ao questionário de 1758) enquanto as paróquias de Seixal e de Corroios não detinham água alguma de especial qualidade, e a paróquia de Arrentela não dispunha de

(...)...fonte alguma, senão por algumas terras de valles, ou bréjoeiras alguns olhos de agua, que rebentão, de que se não faz caso, por serem muy ruins: as aguas de que se servem os povos, e Lugares desta Freguesia, são todas de poços; e o mesmo he também as quintas, sendo humas melhores que outras, mas nenhuma para desejar.” (CARDOSO, Pe. Luís, 1747: 597), [a paróquia de Amora dispunha, no domínio público, de] “...uma triste e imunda fonte na praia do mar, que nas enchentes cobre o mar salgado, no lugar da fonte da prata, por ser este o nome da dita fonte, por ser de excelente água donde bebem os outros lugares, o da Amora, e esta Quinta dos Lobatos. (CARDOSO, Pe. Luís, 1758: 454).

De acordo com recolha oral realizada, para além da utilização das águas da *fonte da prata* para beber e para usos domésticos, as águas da fonte, durante um certo período de tempo, foram consideradas detentoras de propriedades medicinais, destinando-se ao tratamento de doenças de olhos.

Muita gente acreditava que a água fazia bem aos olhos (...). Vinha muita gente ali do concelho de Almada, da Costa da Caparica e do Monte da Caparica, Sobreda, da Charneca e da Cova da Piedade. Vinham então essas pessoas com os olhos muito encarnados (...) vinham de carroças e depois chegavam ali... aquilo era sempre água a brotar... lavavam e depois traziam umas bilhas para levar água para casa. E tinham então muita fé com aquela água. Daí é que nasceu a Rua da Fonte da Prata, porque aquilo era uma fonte a brotar água. E então a água era limpinha que era uma coisa deslumbrante... parecia prata.

Amélio Cunha, 1999, 91 anos

O *poço das torneiras* foi aberto, em 1777, numa das principais ruas da antiga vila de Seixal, situada junto à Quinta dos Franceses (então designada Quinta da Bela Vista), na chamada *Rua direita do poço* ou *Rua de cima* (existiam ainda a *Rua do meio* e a *Rua da praia* ao longo da qual, mais tarde, se construiu a estrada marginal). Com cerca de dois metros de diâmetro e com uma profundidade de sete metros, este foi o principal ponto de captação de água potável até ao início do século XX, abastecendo a população da antiga vila.

Durante a primeira metade do século XIX, várias epidemias grassaram os povoados obrigando à tomada de providências administrativas que visavam satisfazer as carências do abastecimento público de água e um saneamento eficaz das populações. Em 1862 foi publicado um interessante artigo no *Archivo Pittoresco*, que assinalava o modo como a carência de água potável e os problemas de salubridade afectavam o concelho:

No Seixal ha um único poço, de boa água e abundantes nascentes. Na Arrentela ha outro, porém não é tão bom. Na aldeia de Paio Pires tambem se extrahe de um unico poço, porém é muito assalobrada. Usam d'ella para lavagens: para beber vão buscal-a ás quintas particulares. A Amora tem bella agua, que rebenta continuamente por baixo de um muro junto à praia. O povo provê-se d'ella na baixa-mar, porque a maré quando está meio em meio cobre a nascente. (...) A salubridade do concelho na maior parte do anno é regular: De julho até outubro e novembro apparecem as febres intermittentes e remittentes, de todos os typos e generos, assolando os trabalhadores e as povoações mais visinhas dos arrozaes, que se tem feito n'estes ultimos annos em larga escala nos concelhos limitrophes.

Devido à ocorrência de surtos epidémicos relacionados com armazenamento de águas paradas, o governo, pelo Decreto-lei de 1 de Julho de 1867, manda executar as obras necessárias para extinção de pântanos e arrozais, estabelecendo disposições para introdução de melhoramentos na agricultura e na salubridade pública. A inexistência de um sistema de rede de esgotos, a utilização de fossas e valas não impermeabilizadas para escoamento de detritos e águas residuais, propiciou as infiltrações de águas residuais nos solos, facilitando a propagação de varíola, sarampo, entre outras doenças infecciosas, contaminando as águas de fontes e poços.

Em meados de Novecentos, a Câmara Municipal do Seixal procede à construção de quatro poços de água potável, localizados no Largo da Estalagem, em Seixal, em Arrentela, em Torre da Marinha, em Foros de Amora e em Paio Pires.

Abrangendo uma ampla planície de suaves socacos e outeiros, sukada por linhas de água entre as quais se destaca a ribeira do Judeu que, com nascente na antiga Quinta de Fernão Ferro vem desaguar junto à Arrentela, encontra-se a Freguesia de Fernão Ferro, região actualmente compreendida no território concelhio do Seixal.

Apesar de, até ao momento, não terem sido identificados elementos que permitam determinar o seu período de construção, as estruturas edificadas reportadas ao funcionamento do marco fontanário de Fernão Ferro constituem os testemunhos materiais mais antigos de um sistema hidráulico de abastecimento público de água no concelho do Seixal. A tradição oral qualifica-os como obra antiga, remetendo a memória da sua construção para o século XIX, associando a edificação do marco fontanário – respectiva captação e estrutura de protecção da mãe-de-água – a um dos pontos de apoio necessários aos utilizadores da estrada real Cacilhas-Sesimbra, agregando o fontanário a uma muda de cavalos estabelecida naquele local. No entanto, o conjunto de cisterna de protecção da nascente e marco fontanário tiveram ainda como finalidade suprir as necessidades de consumo de água de uma população restrita instalada em Fernão Ferro, residente em casais situados nas proximidades.

Marginal à antiga estrada real, o marco fontanário de Fernão Ferro é constituído por um pilar de secção quadrangular em alvenaria, emoldurado por um murete comprido em formato de meia-laranja que delimita a área funcional do fontanário.

Na bica de escoamento das águas, em liga metálica fundida, figura uma cabeça de leão – terminando num florão do mesmo material, área da peça que é adossada à alvenaria de pedra do marco fontanário – de cuja boca jorrava ininterruptamente a água. O leão é frequentemente utilizado como bica de água em fontes e chafarizes, simbolizando a luz diurna e a dádiva propiciada pela água vertida sobre a terra (COOPER, 2000: p.59) determinante para a fecundidade deste último elemento. A mesma peça proporcionava ao caminhante, através de um canaleta localizado na parte superior da cabeça do leão, o repuxo de água fresca para saciar a sede.

Este fontanário fez, originalmente, parte de um sistema hidráulico simples incluindo a estrutura que protege a nascente ou mãe de água que alimentou, até há relativamente pouco tempo, o fontanário. Com um formato paralelepípedo, filia-se na construção de cisternas abobadadas, com estrutura de cobertura em abóbada de berço.

Aproveitando a topografia e as características hidrogeológicas do terreno, a estrutura de protecção à cisterna beneficiou não só de mãe-de-água no seu interior, mas igualmente da convergência de águas drenadas a partir de nascentes superficiais situadas nas imediações. Sendo o tanque de tomada de água relativamente pouco profundo e não existindo no interior da cisterna qualquer sistema de vedação das águas, a câmara permanece cheia e a água escorre livremente por baixo da porta de serventia. Em tempos idos, a água percorria o encanamento em ferro que ligava a cisterna ao fontanário, localizado a cerca de trezentos metros de distância e a uma menor cota altimétrica, pelo que o declive do terreno auxiliava a adução da água desde a mina até ao ponto de abastecimento público. Actualmente, os excedentes de água seguem por uma regueira escavada no solo propositadamente para esse fim, abastecendo uma charca aberta a uma cota próxima do fontanário, sendo depois conduzida para uma vala a céu aberto que leva as águas provenientes de Fernão Ferro até ao rio Judeu, escoando no rio Tejo junto à Torre da Marinha, em Arrentela.

A expansão da indústria corticeira no Seixal terá tido repercussões determinantes e conducentes a um forte incremento populacional originando um certo entorpecimento no próprio tecido urbano da antiga vila, possivelmente não só em termos de área construída como, por escassez desta, pela opção de acréscimo de um piso superior ou mansarda às ordinárias casas de piso térreo. A escassez de área para construção habitacional poderá ainda ter ocorrido devido ao aumento inusitado dos valores dos terrenos para construção, que impediram o crescimento natural da antiga vila, determinado pela instalação de duas importantes fábricas de grande dimensão, geradoras de grande oferta de emprego não só para a população local, como para a população migrante. Simultaneamente, este terá sido um factor dinamizador do processo de industrialização, sobretudo nas freguesias de Seixal, Arrentela e Amora.

No território do concelho do Seixal, as fábricas foram ocupando as zonas ribeirinhas – pequenas moagens que funcionam, sobretudo, em moinhos de maré, estakeiros de construção e reparação de embarcações, fábricas de conservas, de curtumes, de vidros, de lanifícios, de sabão, de cortiça, entre outras –, numa estreita relação com os transportes fluviais e com o porto de Lisboa, levaram ao crescimento dos aglomerados urbanos.

Na pequena vila do Seixal, a população em crescimento foi-se concentrando no velho tecido urbano, caracterizado por ruas estreitas, travessas e algumas praças, entre as quais se destacam o Largo da Estalagem (actual Praça Luís de Camões), o Largo José Botelho Carvalho de Araújo (actual Largo dos Restauradores) e o Largo da Benzedeira (actual Largo Joaquim Santos Boga). Apesar do crescimento da população do concelho se ter feito sentir a partir dos anos 20 – tendo-se urbanizado terrenos dos arrabaldes da antiga vila, junto ao cemitério e às instalações da fábrica de cortiça da empresa C. G. Wicander, o Bairro Novo, também designado *bairro operário* –, a antiga vila do Seixal, que manteve praticamente a mesma área, começa a ter o seu quotidiano alterado pela presença das fábricas, reflectindo um crescimento populacional que

poderemos considerar de moderado: de 2.258 habitantes, em 1900, ascende a 3.307 em 1920, em 1930 registam-se 3.479 residentes na sede do concelho e, em 1940, somam-se 3.911 habitantes (NABAIS: 1981).

A presença das fábricas, o crescente afluxo de população à antiga vila, motivado pelo forte incremento da indústria no concelho e pelo desenvolvimento económico e expansão das unidades fabris, alteraram o quotidiano do Seixal, mas tal não encontrou correspondência nas deficientes condições de habitabilidade, saúde, higiene e salubridade vigentes.

Em 1906, os moradores da vila do Seixal queixavam-se já desta situação, referindo que “a população tem aumentado progressivamente há uns anos a esta parte e com ela tem igualmente crescido o número de edificações novas. A par e passo – de justiça é dizer-lo – alguns melhoramentos têm beneficiado esta vila, uns de iniciativa particular, outros devido a essa Exma. Câmara, mas tem-se descuidado um dos pontos capitais para a economia da população e para a higiene, como é o abastecimento das águas” (Abaixo-assinado de moradores na vila do Seixal dirigido à Câmara Municipal do Seixal, Arquivo Histórico da C.M.S./Requerimentos C.M.S./C/A – 04/CX006). Sendo os poços *das torneiras* e *do Outeiro* influenciados pelas marés, frequentemente o período da estiagem e as marés vivas faziam baixar muito o nível das águas potáveis no seu interior. Esta situação, associada às más condições de manutenção dos poços, faziam diminuir o volume de água disponível, recorrendo a população à compra de água potável nos poços de quintas vizinhas.

Em resposta às necessidades crescentes da mão-de-obra operária, intensificam-se o processo de urbanização. Acerca desta questão premente, *O Seixalense*, em 1925, escrevia um interessante artigo segundo o qual “Dispondo, relativamente de pequena superfície urbana, a vila do Seixal, alberga, para cima de 4.000 habitantes, pelo que se observa, que, em casas onde mediocrementemente poderiam habitar 4 ou 5 pessoas, residem pelo menos 7, 8 ou mais.”

Dada a situação topográfica da antiga vila do Seixal, confinada entre barrocas de um lado e, do outro, pelo rio, previa-se como única solução para o problema o ganho de estreitas faixas de terra através de terraplanagens junto às margens, projecto que nem sempre teve boa recepção por parte da edilidade a quem tinham sido concedidos, por Decreto-lei de 3 de Julho de 1862, os terrenos ribeirinhos da vila. Em 1922, a Câmara Municipal manifestou-se contra o projecto de terraplanagem frente ao *poço do Coelho* (denominação popularmente atribuída, por se localizar junto a prédios urbanos de António Cândido Coelho), justificando que estes terrenos constituíam um logradouro público do concelho, para além do que esta obra prejudicaria o abastecimento de águas que ali era feito para a feitoria do bacalhau, a aguada do tráfego fluvial e dos barcos em reparação no estaleiro vizinho, perturbando ainda os embarques dos produtos das fábricas de conservas.

O sistema de abastecimento de água utilizado até ao início dos anos 20 do século XX, baseava-se na elevação de água captada em poços que, estrategicamente situados no domínio público e encontrando-se a sua construção intimamente relacionada com o desenvolvimento urbano da antiga vila, procuravam satisfazer uma população em crescimento. Existiram durante a referida década vários poços de captação ou marcos fontanários munidos de bomba manual, entre os quais destacamos algumas referências toponímicas de espaços onde estas peças de mobiliário urbano terão sido implantadas, no espaço urbano do Seixal: na Praça José Botelho Carvalho de Araújo, na Praça Luís de Camões, na Praça Mártires da Liberdade, no Largo do Estaleiro e, ainda, na Rua Almirante Reis, na Rua Miguel Bombarda, na Rua Cândido dos Reis, na Quinta do Outeiro, e no Bairro Novo; em Amora: no Largo 5 de Outubro, no Largo da Amoreira, no Largo das Lobatas, e nos Foros de Amora; em Arrentela: no Largo da Praia, um outro marco fontanário situado próximo do jardim, na Torre da Marinha, e no Casal do Marco; em Corroios: o poço do Rouxinol junto à estrada real, e o poço de Corroios; em Aldeia de Paio Pires: o poço do Casarão, no Largo do Campo e o poço novo (obra concluída em 1921); e, em Fernão Ferro, o já referido marco fontanário, junto à estrada real.

A facilidade em abastecer-se nestes pontos e as carências económicas em que vivia grande parte da população do concelho residente nas áreas urbanas, faziam com que os serviços dos aguadeiros (entre os quais destacamos os nomes de José Rodrigues, António Rodrigues Pelado e de Manuel Tavares de Carvalho) só se fizessem sentir junto às residências da população mais abastada.

Os homens iam à água com baldes. Havia também quem transportasse a água em latas penduradas num pau, colocado ao ombro, auxiliando o transporte das latas com as mãos. (...) Eram aguadeiros... Havia uma carroça do Manuel Ratinho que andava pela rua a vender púcaros de água.

Rosalina da Saúde Filipe, 2002, 84 anos

A morosidade que era muitas vezes imprimida ao processo de construção, a que acresciam as dificuldades na manutenção destas estruturas para captação e elevação de água por sistemas simples, resultante muitas vezes de trabalho ou mão-de-obra não especializados nem tecnicamente adequados, torna difícil a determinação exacta quanto à sua cronologia quer devido ao carácter de relativa imprecisão dos testemunhos orais, quer devido à ausência de registos documentais destas edificações (não foi possível localizar projectos, processos de obra ou memória descritiva). Os poços eram, no entanto, construídos por um processo simples, uma vez escavadas e reforçadas as paredes do poço com alvenaria ou cantaria, eram colocadas as tubagens nos poços, em ferro laminado ou fundido, eram justapostas através de soldadura ou utilizando pares de uniões com parafusos. Os canos para aspiração e ascensão de água até à superfície eram aprumados e seguravam-se às paredes verticais dos poços através de braçadeiras. A partir deste sistema divergiam encanamentos para adução de água, perpendiculares ao poço de captação e enterrados no pavimento, que iam alimentar outros fontanários. Como medida de higiene, os poços foram cobertos por tampas de madeira ou, mais vulgarmente, em folha de ferro galvanizado com formato cónico, sendo esta cobertura do poço encimada por uma “chaminé”, para arejamento da água em depósito.

Subsidiários do poço de captação, os fontanários podiam ser instalados por cima ou a alguma distância do poço, sendo constituídos por um pilar ou marco – onde habitualmente se fixava a torneira e se firmava a bomba para elevação de água – e uma pia para recepção das águas excedentes, por vezes utilizada como bebedouro para animais. A elevação da água até à superfície fazia-se através de energia a sangue, utilizando-se a roldana e a corda de cairo, sendo a água baldeada para depósito ou vasilhame, ou através de bomba aspirante simples, accionada por alavanca e picota, ou por engrenagem movida a *roda* (volante), procurando obter-se por estes processos o máximo de volume de água, empregando o menor dispêndio de energia/força possível.

Com implantação na beira de uma rua (tais são os casos do fontanário de Fernão Ferro e do fontanário situado no Largo dos Restauradores, em Seixal, este último denominado correntemente por *poço do Coelho*) ou num recinto mais recuado, muitos dos fontanários encontravam-se munidos de uma *cortina* ou murete em semicírculo, que delimitava o espaço de circulação dos seus utilizadores e de acesso público à torneira de escoamento de água.

...A gente deitava um balde de água para pegar e depois dávamos à bomba, mas era debaixo de muita canseira! A gente punha o balde debaixo da torneira e dávamos à bomba.

Rosalina da Saúde Filipe, 2002, 84 anos

No início da década de 20 do século XX, o Ministério do Comércio – Divisão de Estradas transmite a posse e a responsabilidade de fazer a manutenção de poços e marcos fontanários (nomeadamente os fontanários instalados em Aldeia de Paio Pires) de apoio às vias rodoviárias para o município.

Quando [a bomba] se escangalhava e porque a bomba escangalhava-se muita vez, como [o poço] tinha uma corda com um balde, a gente tirava. (...) muita gente perdeu a saúde por causa daquele poço, porque aquele poço custava muito a dar à bomba. Era muito pesado e a água até chegar cá acima custava muito!

Maria Amália da Conceição, 2001, 74 anos

No entanto, estes pontos de abastecimento de água, por dificuldades várias na sua manutenção, nem sempre se encontravam em situação de satisfazer as necessidades de abastecimento dos residentes da antiga vila. O abastecimento de água podia tornar-se deficiente ou mesmo perigoso devido a poços destapados, à extracção de água em vasilhame desapropriado, às brincadeiras das crianças com acesso facilitado através da comporta da cobertura ao poço, entre outros problemas, que contribuíam para tornar a água imprópria para consumo, concorrendo decisivamente para as epidemias de vária ordem (sarampo, varíola, tifo, entre outras) que desde o séc. XIX e ainda nos anos 20, do século XX, assolavam o concelho.

Como providências a tomar para impedir a contaminação das águas dos poços públicos, a autarquia procedia frequentemente não só a reparações dos equipamentos de abastecimento de água à população, procurando sensibilizar a população sobre as medidas de higiene básicas e sobre a melhor forma de recolha das águas dos poços, afixando editais junto a estes pontos de abastecimento público proibindo a tiragem de água para fins agrícolas, adubos e a prática de lavagem de roupa nas proximidades, permitindo apenas a utilização da água dos poços públicos para beber e para usos domésticos.

As mulheres iam com uma enxadas, abriam ali uma espécie de valas e aquilo eram jorros de água doce onde as mulheres lavavam a roupa... e depois abriam também um rego que era para a água ir correndo (...). A nascente era sempre a água a sair... havia ali pedras para lavar... havia areia no chão (...). As pessoas ali lavavam, coravam, faziam tudo ali debaixo da muralha [em Amora de Baixo].

(...)
E também ao meio da cala do rio, onde fica sempre aquele rasgo de água (...) há um certo sítio ali que as pessoas também sabiam aonde é que a água doce brotava da lama, e as pessoas iam lavar lá quando o rio estava vazio.

Amélio Cunha, 1999, 91 anos

O lavadouro era sobre o comprido, salvo erro devia, vá lá, ter oito a nove tanques de cada lado. Aquilo tinha um cano que ia ao poço, depois nós com a bomba (...) tinha uns caneiros e esses caneiros depois para cada tanque tinha uma bica para deitar água. Foram os primeiros. Depois aquilo enferrujava, porque era tudo em ferro e então optaram por torneiras. Fizeram a canalização da bomba para os tanques (...). Mas tinha de se dar à bomba para que a água saísse pelas torneiras.

Florinda Rodrigues dos Reis, 2001, 59 anos

Sendo frequente a utilização das linhas de água de maior caudal que atravessam o território concelhio para lavagem de roupa, encontra-se entre as medidas de higiene e salubridade colectivas, o financiamento efectuado pelo município à construção de lavadouros públicos nos lugares do concelho com maior número de habitantes. A edificação de lavadouros e equipamentos complementares (o lavadouro, construído junto ao poço de captação de águas, incluía uma bomba, uma área de tanques e uma zona destinada à secagem de roupa) teve origem na Amora, onde funcionou um lavadouro público único no concelho em 1908. Devido a problemas de contaminação de águas num poço confinante, esta estrutura foi demolida sendo, posteriormente, construído, em 1911, um novo lavadouro público coberto na mesma freguesia, no lugar do Correr de Água. Em 1932, foi construído um segundo lavadouro público coberto com capacidade para 20 tanques, em Amora.

A sede de concelho beneficiou, a partir de 1929, do lavadouro da Quinta do Outeiro.

Em 1922, encontrava-se construído um lavadouro municipal coberto, com 12 tanques para lavagens, na Aldeia de Paio Pires. Mais tarde, em 1938, inaugurou-se um segundo lavadouro público coberto em Paio Pires, obra comparticipada pelo Ministério das Obras Públicas, continuando a população a utilizar o antigo lavadouro de águas correntes, no lugar de Cucena.

Em 1952, após a destruição do lavadouro do rio de Cucena e da demolição do anterior lavadouro que deu lugar à estrada que desviou o trânsito do interior da povoação, inaugurou-se o novo lavadouro na Freguesia de Aldeia de Paio Pires (actualmente, este é o único lavadouro do concelho existente apesar de parcialmente desafecto ao serviço público).

Em 1922, a edilidade, face ao número crescente de moradores na vila, aos problemas prementes no que respeitava às questões de salubridade e higiene, bem como ao enorme dispêndio nos concertos de bombas (era frequente os encanamentos das bombas desferrarem, obrigando à realização de reparações efectuadas pelos ferreiros dos lugares por solicitação do município, ou à necessária substituição de solas que funcionavam como vedantes nos encaixes de ligação das peças metálicas), na manutenção das estruturas edificadas e na limpeza dos poços, resolve investir numa rede rudimentar para abastecimento público de água potável na sede do Concelho. Este projecto consistiu no assentamento de um cano geral para adução de águas do *poço do Outeiro* – também denominado *poço novo*, foi construído com dimensões idênticas ao poço de edificação mais antiga, localizado a cerca de 600 metros de distância – para o *poço das torneiras* e, deste último, fazia-se a condução de água para o depósito no jardim da Praça Mártires da Liberdade, a cerca de 195 metros, instalado junto a um dos fontanários públicos do Seixal. De modo a testar este empreendimento, foi solicitada à *Companhia de Lanifícios de Arrentela* uma bomba, por empréstimo, destinada a realizar as necessárias experiências no encanamento de água.

Consentâneo com o sucesso deste projecto e delineando-se as bases do abastecimento de água na sede do Concelho, procedeu-se à desactivação dos restantes poços da vila.

À semelhança do concelho de Almada que, em 1923, colocou em funcionamento um gerador de electricidade para elevação da água da sua principal fonte de abastecimento, e procurando solucionar o abastecimento público de água à antiga vila do Seixal, projectou-se uma *central de águas* munida de motores para captação e elevação de água do *Poço do Outeiro* (até então munido com uma bomba de picota) sendo depois a água bombeada para um reservatório e daí canalizada até um depósito situado na vila que abasteceria, por acção da gravidade, os diversos fontanários. Visando este propósito, o município do Seixal deliberou mandar arrancar os tubos do antigo poço da Praça Luís de Camões para servirem de fundação nas obras de abastecimento de água e ordenou, após aquisição do terreno necessário na Quinta do Outeiro em 1922, a construção de uma pequena casa para albergar a máquina – possivelmente, um motor a gás pobre que faria funcionar um gerador eléctrico para bombear água – e de um depósito, bem como o assentamento da canalização de chumbo. Apesar de ter sido terminada a obra de construção civil, em 1925 não era ainda possível ao município reunir a verba necessária à aquisição do equipamento e maquinaria para o funcionamento da central de águas, pelo que o projecto foi definitivamente abandonado.

O processo de industrialização e o consequente crescimento populacional registado nos principais aglomerados urbanos no concelho, a par das transformações ambientais e paisagísticas no território concelhio, estimularam a satisfação de novas necessidades públicas relacionadas com noções emergentes de higiene e conforto das populações e com a prestação de novos serviços públicos que obrigaram, a partir da década de 30 do século passado, à instalação de infra-estruturas básicas de saneamento, de redes de distribuição e abastecimento público de água e de electricidade, e à realização de obras de melhoramentos a nível do saneamento e de vias de circulação.

As frequentes queixas das autoridades sanitárias, reclamando por não se proporcionarem às autoridades locais os meios necessários para dotarem as principais povoações com indispensáveis obras de distribuição de água potável e adequados sistemas de evacuação de águas residuais, surtem efeito quando, em 1932, o governo determina inquirir os municípios, auscultando a nível nacional as condições de abastecimento de águas e esgotos das principais localidades, tendo como objectivo a organização de um programa de coordenação e a realização de melhoramentos. Os projectos a realizar pelos municípios seriam submetidos às Juntas de Higiene e à sanção do Conselho Superior de Higiene.

A partir deste inquérito, o governo iniciou a sua intervenção procurando intensificar a realização de obras de abastecimento de água e de construção de redes de esgoto nas sedes de concelho. Em 1934, não existindo estudos, análises ou medições das águas no concelho do Seixal, encontravam-se em curso os estudos preliminares para o estabelecimento de uma rede de distribuição domiciliária.

A partir do inquérito realizado em 1934 por técnicos responsáveis do Ministério das Obras Públicas e Comunicações à Câmara Municipal do Seixal, resultou o conhecimento da situação do abastecimento de águas e saneamento da sede de concelho: o abastecimento público continuava a ser efectuado através de dois poços camarários, um situado dentro da vila – o *poço das torneiras*, que alimentava os quatro fontanários existentes na vila – e um segundo localizado nos arrabaldes, junto à quinta que lhe empresta o nome – *poço do Outeiro* – a cerca de 200 metros do limite sudoeste da antiga vila. Encontrando-se ainda em funcionamento, nos anos 30 do século XX, o *poço do Coelho* (actualmente, o único testemunho material de uma tipologia de marco fontanário comum no século XIX) e o *poço do Bairro Novo*, poço particular mas cuja água era elevada por meio de uma bomba pertencente ao município. Estes poços, localizados em dois pontos estratégicos do extremo oriental da vila, abasteciam grande parte dos habitantes daquela área.

No que respeita ao saneamento público, funcionava um sistema de doze colectores e sarjetas, utilizados também para escoamento de águas pluviais, que serviam apenas uma parte da população da vila (era obrigatório fazer a ligação dos prédios aos colectores existentes, os restantes moradores que não se encontravam abrangidos por este incipiente sistema de saneamento, lançavam os despejos domiciliários ao rio) fazendo-se a descarga destes colectores directamente para o estuário do Tejo sem qualquer espécie de depuração prévia, uns nas próprias paredes do cais, outros nas proximidades da linha da baixa-mar.

Em 1937, o governo ordena a elaboração de um projecto de abastecimento público de água na sede do concelho do Seixal indicando para o efeito o Eng.º Ricardo E. Teixeira Duarte, da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos.

Se a criação de uma rede pública de abastecimento de água é um projecto extremamente dispendioso, dado o seu planeamento e custo serem fortemente condicionados pela topografia e pela composição hidrogeológica do terreno – sendo necessário efectuar estudos prévios de águas freáticas e superficiais, bem como da sua qualidade, das características hidrogeológicas e da capacidade desses mananciais, tanto na zona a abastecer, como nas áreas circunvizinhas – a instalação de tal rede pressupõe o estabelecimento de outras infra-estruturas igualmente onerosas: a montante, a produção, transporte e distribuição eficaz de electricidade como força motriz para captação e adução de água) e, a jusante, um eficiente sistema complementar de escoamento de águas residuais, acrescendo ainda os custos de manutenção e os futuros investimentos em melhoramentos e ampliação das diferentes redes de infra-estruturas.

No início dos anos 30 do século XX, a Administração do Concelho do Seixal não dispunha de equipamentos mecânicos ou energéticos capazes de suprir estas dificuldades. Numa primeira tentativa para solucionar o problema, em 1923, a edilidade decide oficializar o Eng.º Craveiro

Lopes, técnico numa empresa que se propôs instalar iluminação e electricidade no concelho de Almada, solicitando a sua vinda ao Seixal a fim de se entabularem negociações tendo em vista a elaboração de estudos sobre iluminação eléctrica no concelho, dado que até então a iluminação pública das ruas e praças das povoações no território concelhio era realizado através de candeeiros de petróleo. Apenas alguns estabelecimentos industriais instalados no concelho dispunham de equipamento e de meios técnicos capazes de assegurar a produção contínua de energia eléctrica para o funcionamento de grande parte da sua maquinaria e dispor de iluminação eléctrica nas suas instalações. Neste contexto, em 1933, a Administração da Câmara Municipal solicita à firma *Mundet & C.^a, Lda.* o fornecimento de energia eléctrica destinada à iluminação pública e particular do Seixal e sedes das restantes freguesias (*A voz do Seixal*, 10.05.1933, p. 2), petição que não foi atendida pela empresa.

Constituída em 1930, a Sociedade de Electrificação Urbana e Rural só em 1932 obtém a concessão da distribuição de energia eléctrica ao concelho de Setúbal, concessão que se tornou extensiva a todo o distrito apenas em 1936 (Decreto n.º 26.687, de 15 de Junho). Esta decisão tornou possível o estabelecimento de um sistema de produção e distribuição de energia eléctrica seguro e válido, capaz de satisfazer as necessidades energéticas de um sistema de bombagem e adução de água necessário ao estabelecimento de uma rede de abastecimento público de água eficaz e regular, bem como, a jusante, accionar todo o sistema de escoamento de águas residuais, evitando o estagnamento de águas já utilizadas e a origem de um possível foco de insalubridade e doença.

A Sociedade de Electrificação Urbana e Rural, então concessionária da mina de carvão da Borralha, instalou perto da cidade de Setúbal uma central térmica – a *Central da Cachofarra* – com uma subestação no Laranjeiro. A partir desta central produtora de tensão – equipada com dois turbo-alternadores B.B.C., tendo um 2.800 C.V. e o outro 8.700 C.V., e duas caldeiras de marca *Babcock & Wilcox* e *Alsthom*, trabalhando a 24 kg/cm² –, o abastecimento era feito a todos os concelhos do distrito de Setúbal através de postos e linhas de rede de distribuição em baixa tensão, fornecendo, em 1940, energia eléctrica às freguesias de Seixal, Arrentela, Amora e Aldeia de Paio Pires, no concelho do Seixal.

A partir de então encontram-se criadas as condições necessárias ao estabelecimento de um eficiente sistema de abastecimento público de água, com estações de captação, elevação, transporte e distribuição de águas por meios mecânicos, alimentados por energia eléctrica, abastecendo de forma regular e sem sobressaltos as condutas de adução que iriam alimentar a rede de distribuição pública de água, com capacidade para efectuar as necessárias descargas de efluentes.

No que respeita à indústria da água existe, desde 1936, no sítio do Barroca, um ponto de captação de água – reputado pela tradição oral de muito antigo – explorado comercialmente pela firma *Lisbon Fresh Water Supply, Limited*. (empresa fundada em 1924 com o objectivo de captação e exploração de água de poços na zona de Cabo Ruivo, em Lisboa, e mais tarde na área de Caramujo, na Cova da Piedade), proprietária de uma parcela de terreno na Quinta da Barroca, que explora as águas subterrâneas para abastecimento de embarcações que aportavam a Lisboa.

Num questionário à Câmara Municipal elaborado pelo *Jornal do Comércio*, de 24 de Fevereiro de 1956, são referidas duas empresas de elevação e transporte de água para bordo, uma seria a referida *Lisbon Fresh Water Supply, Limited*. e a outra empresa, concessionária da exploração comercial de águas proveniente de furos de captação na Quinta da Atalaia desde 1940, designada por *Sociedade da Quinta da Atalaia*.

Em 1944, desejando o Estado controlar as obras de abastecimento de água e saneamento em curso e assegurar a sua eficiência, interveio em dois aspectos: por um lado, no aspecto técnico, garantiu assistência às autarquias e a outras entidades, quer na elaboração de projectos, quer na orientação dos trabalhos, na sua execução e fiscalização; por outro lado, no plano financeiro,

metade do encargo total foi suportado pelo Estado. De modo a viabilizar financeiramente estes empreendimentos, o Estado previa, em relação aos restantes 50% do montante, encargos reduzidos a longo prazo através de subsídios percentuais sobre o total do orçamento das obras, variável com a finalidade e a prioridade dos trabalhos a realizar ou facilitando empréstimos na Caixa Geral de Depósitos. Estabelecia-se, no entanto, como princípio, que tanto os estudos como a execução das obras pertenciam às câmaras municipais, com a obrigação de dotarem de água potável as sedes de concelho, até 1954.

O Estado irá concentrar na Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, os serviços centrais – a orientação e a coordenação de projectos com repartições técnicas de estudos de urbanização, de melhoramentos urbanos, a repartição de Abastecimento de Águas e Saneamento, orientadora e coordenadora de estudos e realização de obras de abastecimento de águas e saneamento do país, entre outros serviços – com os serviços externos de execução e fiscalização dos projectos em curso. Mais tarde, mantendo-se a assistência técnica do Estado, atribuiu-se a este uma acção orientadora para a elaboração anual de “planos” de obras de saneamento a levar a efeito pelos municípios.

Previo-se ainda que os abastecimentos de água das sedes dos concelhos do continente, quando não fossem explorados por concessionários, o fossem sob o regime de serviços municipalizados.

Em 1945, a sede do concelho do Seixal tinha em curso de um projecto participado e em curso para o abastecimento de água afectando cerca de 3.000 habitantes.

A instalação de estruturas de captação e a implantação de uma rede de transporte e distribuição da água no concelho do Seixal, motivou a Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Seixal a desactivar progressivamente os poços públicos de abastecimento de água à população da vila do Seixal, nomeadamente os poços *do Outeiro* e *das Torneiras* que acabaram por ser entulhados e as suas estruturas demolidas, pelo que, quando o sistema de abastecimento de água à população por qualquer motivo era interrompido – em notícia publicada no jornal local a *Tribuna do Povo*, em 1955 esta situação ainda era frequente e dela se queixavam os moradores do Seixal – ocasionava grandes transtornos, dado que a população não tinha onde recorrer para se abastecer de água potável. Esta situação, bem como a dificuldade que a população mais carenciada sentia no pagamento do consumo de água da rede pública efectuado e do aluguer do contador – a política tarifária, inserida num contexto global de pagamento de serviço público, resultava de um cálculo que tinha em consideração os custos de exploração e manutenção do sistema, os possíveis financiamentos para ampliação da rede, o funcionamento de equipas de reparação, e o controle de qualidade de água distribuída – motivou a abertura de concurso público, em 1947, para aquisição de projecto, e posterior execução, de novas peças de mobiliário urbano para abastecer a população de água: os chafarizes, alimentados pelos ramais da rede pública de distribuição de água.

Enquanto o marco fontanário é uma estrutura edificada com um carácter manifestamente funcional (o seu elemento característico – o pilar ou marco - obra construída em alvenaria ou cantaria, tem como função primária ser ponto de apoio quer do sistema manual para elevação de água, quer da torneira), o chafariz é uma “construção provida de uma ou várias bicas por onde escoar água, geralmente disposta em praças públicas como ornamentação” (ALBERNAZ e LIMA, 1998: p. 140). O chafariz pode ser parietal quando edificado encostado a um muro, ou deslocado quando instalado no centro de praças ou átrios.

O modelo de chafariz implantado nas freguesias de Seixal, Arrentela e Aldeia de Paio Pires (este último, foi demolido aquando de obras de melhoramentos da via rodoviária e ajardinamento da área onde esta peça tinha sido instalada) apresenta características muito semelhantes. Trata-se de um chafariz de espaldar, destacado, com utilização das duas faces. O espaldar encontra-se revestido a azulejo monocromático, pontuado com algumas peças figurativas e emoldurado com trabalho de cantaria em calcário.

Embora de modelo similar, os chafarizes apresentam dois tamanhos distintos. Assim, no modelo de maior dimensão encontram-se adossadas, a cada uma das faces do espaldar – por baixo da torneira instalada em cada face – as pias para recepção dos sobejos da utilização da água, de planta quadrangular, com o bordo superior rematado por cantaria em calcário. Cada pia é cruzada por vergalhões de ferro forjado para apoio de vasilhame.

O modelo de menor dimensão, apresenta numa das faces as pias de recepção de águas excedentes, enquanto a outra face apoia um bebedouro inserido numa pequena bacia de recolha dos sobejos.

Estes chafarizes apresentam alguma “monumentalidade” devido ao embelezamento obtido pela aplicação de cerâmica decorativa azulejar emoldurada por cantaria branca, que lhe confere uma certa qualidade de construção. Situados em praças públicas e zonas ajardinadas, estes chafarizes assentam sobre uma plataforma em degraus, elevando a sua cota de construção em relação ao nível médio do pavimento, o que realça a sua presença nestes espaços.

Estas peças tiveram a sua inserção no tecido urbano da antiga vila do Seixal, instalados praticamente nos mesmos locais onde anteriormente tinha sido implantado um tipo de mobiliário urbano que, apresentando um maior grau de arcaísmo técnico – poços e marcos fontanários – havia desempenhado uma função idêntica. Encontrando-se as razões da sua construção intimamente relacionadas com o desenvolvimento dos espaços urbanos, estes chafarizes são indiciadores de um fraco aumento de área e de manutenção da malha urbana no Seixal, compensado por um crescimento relativo da função residencial em quintas limítrofes, áreas próximas do núcleo urbano mais antigo e das fábricas que se instalaram em espaços circunvizinhos, potencialmente urbanizáveis, como foi o caso do denominado *Bairro Novo*. A crescente população que se instala neste espaço, um tanto afastado do centro urbano, levou à construção de um poço central ao bairro. Obra custeada inicialmente por subscrição pública dos seus moradores e finalizada pela Câmara Municipal, em 1929, instalando dois anos mais tarde uma bomba de aspiração facilitando a elevação de águas para abastecimento dos residentes do bairro.

O estabelecimento da rede de distribuição de água e saneamento à população da Aldeia de Paio Pires e consequente edificação do último chafariz de modelo idêntico aos já mencionados, em 1959, inscreve-se na previsão de aumento demográfico daquela povoação a curto prazo, baseada na decisão do governo de implantar as instalações da futura Siderurgia Nacional nesta freguesia do concelho, viabilizando assim os projectos de urbanização daquela zona.

Em 1949, após realização de pesquisas de água na Quinta da Infanta e tendo-se obtido um abundante caudal, encontrava-se em execução um projecto para a construção duma central elevatória naquele local e respectiva conduta para adução de água até à Cruz de Pau, Torre da Marinha e Seixal, prevendo-se a construção de um reservatório situado na Cruz de Pau e destinado ao abastecimento de Amora de Baixo e de Cima, Correr de Água, Rio Judeu, Porto da Raposa, Fogueteiro, Cruz de Pau e Foros de Amora.

Em 1952, têm início as obras de construção do reservatório elevado de abastecimento de água à povoação da Aldeia de Paio Pires, no Vale de Abelha – Seixeira. Dois anos mais tarde, após aturados trabalhos de pesquisa e tendo-se encontrado água de excelente qualidade e quantidade no Talaminho, teve início a construção dos depósitos de Seixal, Amora, Arrentela e Corroios, bem como o assentamento de muitos quilómetros de tubagem para abastecimento de água a todo o concelho do Seixal.

FONTES

Arquivo Histórico Municipal do Seixal

Copiadores de correspondência expedida, 1846 -1943
Livros de actas, 1846-1946
Processos relativos a construção de estradas, 1882-1887
Requerimentos, 1846-1939

Biblioteca Nacional

Seixal (O). Revista ilustrada, Seixal, 1928
Seixalense (O), Seixal, 1925-1936
Tribuna (A) do Povo, Seixal, 1950/...
Voz (A) d'Amora, Amora, 1916-1919
Voz (A) do Seixal, Seixal, 1927-1940

Centro de Documentação e Informação do Ecomuseu Municipal do Seixal

Boletim da Câmara Municipal do Seixal, 1ª série, Seixal, 1961-1964
Voz (A) do Seixal, Seixal, 1942-44

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, M. Paula, e LIMA, Cecília Modesto – *Dicionário ilustrado de Architectura*. Lisboa: Pro-Editores, 1988.

CHAVES, Luís – *Chafarizes de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal [D.L. 1962].

“Fábrica de Lanifícios de Arrentela”. *Archivo Pittoresco*. Lisboa: Tip. de Castro Irmão, 1862. vol. V, p. 164-167.

CARDOSO, Padre Luís – *Diccionario geographico ou notícia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal e Algarve com todas as cousas raras que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas*. Lisboa: Regia Offic. Silviana, 1747-1951. 5 vols.

CASTEL-BRANCO, Cristina – *O lugar e o significado. Os jardins dos Vice-reis*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa/Instituto Superior de Agronomia, 1992. Dissertação de Doutoramento em Architectura Paisagista.

CARVALHO, Carlos Ruivo de – *O abastecimento de água em Portugal no período de 1938-1949*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1951. (Col. *Estudos*, n.º 20).

COMPANHIAS REUNIDAS DE GÁS E ELECTRICIDADE – *Participação das principais empresas produtoras e distribuidoras de energia eléctrica do país na Exposição Histórica do Mundo Português – Sob o signo do KWH*. Lisboa: Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, 1941.

COOPER, J.C. – *Diccionario de símbolos*. México: Ediciones G. Gili, S.A. de CV., 2000. p. 59.

CORDEIRO, José M. Lopes – “Abastecimento de água”. In *Dicionário de História de Portugal*/Coord. António Barreto e Maria Filomena Mónica. Porto: Livraria Figueirinhas, 2000. vol.VII., p. 78-79.

FERREIRA, Maria Emília Cordeiro – “Abastecimento de água”. In *Dicionário de História de Portugal*/Coord. Joel Serrão. Porto: Livraria Figueirinhas, 1985. vol.I., p. 67-69.

GRILO, João Calixto – “As nossas ruas – Os nossos pescadores”. *A Voz do Seixal*, Ano XII, N.º 224 (1938), p. 1-2.

GUEDES, António Pinto de Miranda, RODRIGUES, Amadeu Pereira – *Inquérito sobre abastecimentos de água nos municípios do país*. Porto: Imprensa Nacional, 1934.

MANÉGLIER, Hervé, SCHLEISS, Myriam – *Abecedário da Água*. Lisboa: Público, 2003.

NABAIS, António J. – *História do Concelho do Seixal. Cronologia*. Seixal: Câmara Municipal, 1981.

NUNES, Isabel – “Um estudo sobre chafarizes de Lisboa: de 1886 a 1913, uma etapa no abastecimento de água a Lisboa”. *Lisboa: revista municipal*. Lisboa: C.M.L., 2ª Série, n.º 24 (1988), p. 26-40.

PORTUGAL. Direcção Geral da Saúde Pública – *As nascentes e o abastecimento de água*. Lisboa: União Gráfica, 1941.

PORTUGAL. Direcção Geral da Saúde Pública – *Cisternas*. Lisboa: União Gráfica, 1941.

PORTUGAL. Direcção Geral da Saúde Pública – *Poços. Abastecimento de água – protecção*. Lisboa: União Gráfica, 1941.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas e Comunicações – *Anuário dos Serviços Hidráulicos*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1933-1940.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas e Comunicações – *Inquérito sobre o abastecimento de águas e saneamento das sedes dos concelhos do país* / Ministério das Obras Públicas e Comunicações. Lisboa: Imprensa Nacional, 1934.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas e Comunicações – *Inquérito sobre o abastecimento de águas e saneamento das sedes dos concelhos do país: Setúbal* / Ministério das Obras Públicas e Comunicações. Lisboa: (s.n.), 1934.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas e Comunicações – *Inquérito sobre o abastecimento de águas e saneamento das redes do concelho do país realizado pela comissão de engenheiros nomeada pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações por portaria de 12 de Janeiro e 23 de Maio de 1934* / Ministério das Obras Públicas e Comunicações. Lisboa: Imprensa Nacional, 1935.

PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas e Comunicações – *Inquérito sobre o abastecimento de águas e saneamento das sedes dos concelhos do país* / Ministério das Obras Públicas e Comunicações.(S.I.: s.n.), 1939 (Lisboa: Imprensa Nacional).

RODRIGUES, Jorge de Sousa – “Infra-estruturas e urbanização da margem sul: Almada, séculos XIX e XX”. *Análise Social*, vol. XXXV, 2000, p. 547-581.

HTML:www.engenharia.com.pt/esxx_investigação_22.asp?tema=1613 [acedido a: 25-02-2003].

CRONOLOGIA BREVE
SOBRE O ABASTECIMENTO PÚBLICO DE ÁGUA NO CONCELHO DO SEIXAL

1777

Construção do *Poço das Torneiras* na antiga vila do Seixal.

1852

Os moradores do lugar de Corroios pedem à municipalidade a construção de um poço – o *Poço da Câmara*.

1857

Constitui-se a primeira companhia das águas que se propõe, entre outras obras, o estabelecimento de uma rede de canalização de água para abastecimento público aos moradores da cidade de Lisboa.

1859

A Câmara Municipal do Seixal é autorizada pelo governo a contrair um empréstimo para, entre outras coisas, proceder à obra complementar do chafariz da antiga vila do Seixal, e à construção de fontes de água potável da mesma vila e nas povoações da Aldeia de Paio Pires, Arrentela e Amora.

1867

A lei de 1 de Julho autoriza o Governo a proceder às obras necessárias para extinção de pântanos e arrozais, estabelecendo disposições para promover melhoramentos na agricultura e salubridade pública.

1868

A Câmara Municipal do Seixal é autorizada pelo governo a contrair um empréstimo para a abertura de quatro poços de água potável em Torre da Marinha – Arrentela, Foros de Amora, na Aldeia de Paio Pires e no Largo da Estalagem [actual Largo de Camões], no Seixal.

1884

A lei de 6 de Março, torna extensíveis a todo o país as disposições do decreto de 26 de Dezembro de 1867, dividindo o país em quatro circunscrições hidráulicas.

1892

Em decreto de 1 de Dezembro de 1892, são organizados os Serviços Hidráulicos.

1906

Construção de poço para abastecimento dos moradores de Amora de Cima.

1907

Publicação do *Código de Posturas da Câmara Municipal do Seixal*, sancionando a má utilização das águas dos chafarizes, fontes, poços, marcos fontanários, tanques e lavadouros públicos.

1908

Os moradores da freguesia da Amora insurgem-se contra a destruição do lavadouro público, único no concelho, proposta pela Câmara Municipal.

Os moradores de Santa Marta e Corroios solicitam à Câmara Municipal obras de conservação do marco fontanário existente na estrada pública, entre a Quinta do Castelo e Corroios.

1911

Procede-se ao encanamento de água do poço da vila para o fontanário da Praça Luís de Camões.

Construção de um novo lavadouro público, coberto, em Amora, no lugar do Correr de Água.

1919

Promulgação da “Lei das Águas”, Decreto n.º 5.787 de 10 de Maio, com o objectivo de reunir e sistematizar num único diploma todas as disposições aplicáveis ao uso de águas. O diploma define o que são águas de domínio público e qual a sua utilidade pública, e águas de domínio particular.

Decreto n.º 6.287, de 20 de Dezembro, aprova o regulamento relativo ao aproveitamento de águas públicas por concessão.

1922

Construção de um lavadouro municipal coberto e com 12 tanques para lavagens, na Aldeia de Paio Pires.

1925

Procurando solucionar o abastecimento público de água à antiga vila do Seixal, projectou-se uma central de águas munida de motores para captação e elevação de água do *poço do Outeiro*. A Câmara chegou a mandar construir uma pequena casa com este propósito e deu início ao enterramento da canalização de chumbo, mas a obra não foi finalizada por falta de fundos.

1928

A bomba do *poço das torneiras*, que abastecia grande parte da população da antiga vila do Seixal, encontrava-se em deficiente estado de funcionamento pelo que a população se viu na necessidade de tirar a água a baldes.

1929

Decreto n.º 16.767, de 20 de Abril, regulamentada a concessão e aproveitamento de águas públicas.

Câmara Municipal delibera terminar obra do poço do Bairro Novo devido à população crescente nesta zona da vila do Seixal, tornando de utilidade pública uma obra iniciada pelos proprietários do bairro. Dois anos mais tarde, é instalada a bomba de aspiração.

Inauguração do lavadouro público de Arrentela, edifício de linhas simples, dispondo de poço e estendal.

1930

Os aguadeiros abastecem as suas carroças de água no *Poço do Outeiro*, junto à Quinta do Outeiro.

1932

Decreto n.º 21.698, de 19 de Setembro, fixa prazos e normas de um inquérito às condições de abastecimento de águas e esgotos. Inquérito efectuado a todos os municípios do país, com vista ao apuramento de elementos para a organização de um programa de coordenação e realização dos necessários melhoramentos. Resultados publicados da responsabilidade dos Serviços Municipalizados de Águas e Saneamentos do Porto, resultando na primeira estatística sobre as condições de abastecimento de água nos diferentes municípios do país.

Portaria n.º 7.454, de 2 de Novembro, determina que todas as obras e projectos de abastecimento de água e saneamentos devam ser submetidos às Juntas de Higiene e à sanção do Conselho Superior de Higiene.

O Concelho dispunha de quatro marcos fontanários e uma fonte situada no lugar do Bairro Novo.

Construção de lavadouro público coberto com capacidade, para 20 tanques, em Amora.

1933

Decreto n.º 22.758, de 29 de Junho, cria a Junta Sanitária de Águas, fixando a sua constituição e competências, bem como estações experimentais de tratamento e depuração de águas.

Inauguração a 1 de Dezembro do lavadouro público no sítio do Outeiro – Seixal, prevê-se ainda a construção de um segundo lavadouro pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal, no local do antigo cemitério.

1934

Portarias de 12 de Janeiro e 23 de Maio, referem as comissões de engenheiros nomeadas pelo Ministério de Obras Públicas e Comunicações, que irão realizar os inquéritos sobre o abastecimento de águas e saneamento das sedes dos concelhos.

1935

Decreto-lei n.º 24.859, de 7 de Janeiro (revoga o anterior Decreto n.º 6.287, de 20 de Dezembro de 1919, no que respeita ao abastecimento de águas a povoações), regula os aproveitamentos de águas públicas para abastecimento das povoações.

Início dos trabalhos de levantamento topográfico do concelho pelo Eng.º Bastos, prevendo-se o estudo de captação de águas e conclusão da rede de esgotos.

1936

A Lisbon Fresh Water Supply, Limited. pede autorização à Câmara Municipal para construir um depósito para a água a fornecer às embarcações, em terreno situado na Quinta da Barroca.

1937

O governo ordena a elaboração de um projecto de abastecimento público de água na sede do Concelho do Seixal indicando para o efeito o Eng.º Ricardo E. Teixeira Duarte, da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos.

Têm início os estudos preliminares para o abastecimento de uma rede de distribuição domiciliária de água no concelho.

1938

Decreto-lei n.º 29.216, de 6 de Dezembro, estabelece os princípios a que devem satisfazer as condições gerais do abastecimento de águas às diversas localidades.

Foi inaugurado um poço no Largo Marechal Gomes da Costa, em Amora, obra participada pelo Governo Civil de Setúbal.

Inauguração do lavadouro público coberto de Paio Pires, obra participada pelo Ministério das Obras Públicas. Continuou a ser utilizado pela população o antigo lavadouro de águas correntes, no lugar de Cucena.

1939

A Câmara Municipal do Seixal solicita a direcção dos estudos e sondagens de águas para abastecimento da vila ao Eng.º Ricardo E. Teixeira Duarte.

1940

Concluída a fase preliminar do estudo de abastecimento de águas à vila de Seixal, do qual resultou a localização na Quinta do Cabral, em Arrentela, de um abundante caudal de água de boa qualidade.

1941

Após realização de estudos de captação de água, encontrou-se um lençol com capacidade considerável na Quinta da Bomba, à data em terrenos pertencentes ao Município do Seixal, para o abastecimento do Concelho de Almada.

1944

O Decreto-Lei n.º 33 863, de 15 de Agosto, atribui carácter obrigatório à realização de obras de abastecimento de água e construção de redes de saneamento nas sedes dos concelhos (à excepção do território nacional insular), considerando-as prioritárias em relação a todos os outros melhoramentos.

Determina que o Governo promova a realização de estudos e obras necessárias para que todas as sedes de concelho fiquem dotadas de água potável até ao final do ano de 1954.

1945

Decreto-Lei n.º 34.807, de 2 de Agosto, torna extensivas as disposições do decreto-lei n.º 33 863, de 15 de Agosto de 1944, às sedes de concelho no território nacional insular.

O Concelho do Seixal tem em curso um projecto, cuja obra seria comparticipada pelo Estado, através de um subsídio de 440.896 Escudos, com vista ao abastecimento de água ao domicílio à sede do concelho, afectando cerca de 3.000 habitantes.

1949

Após realização de pesquisas de água na Quinta da Infanta e tendo-se obtido um abundante caudal, encontrava-se em execução um projecto para a construção duma central elevatória naquele local e respectiva conduta que conduzirá a água até à Cruz de Pau, Torre da Marinha e Seixal.

Prevendo-se ainda a futura construção de um reservatório situado na Cruz de Pau e destinado ao abastecimento de Amora de Baixo e de Cima, Correr de Água, Rio Judeu, Porto da Raposa, Fogueteiro, Cruz de Pau e Foros de Amora.

1950

Portaria respeitante à municipalização dos serviços de captação, adução e distribuição de água. (*Diário do Governo*, n.º 150, 30.06.1950)

Início de funções do Serviço de Abastecimento de Água, serviços que serão mais tarde municipalizados pela Câmara Municipal do Seixal.

1951

Comparticipação governamental de 400 mil escudos destinada a obras de abastecimento de água ao Concelho do Seixal. A rede de distribuição de água ao domicílio ainda não contemplava as freguesias de Amora e Aldeia de Paio Pires.

1952

Após a destruição do lavadouro do rio de Cucena, e da demolição do anterior lavadouro que deu lugar à estrada que desviou o trânsito do interior da povoação, inaugurou-se o novo lavadouro na Freguesia de Aldeia de Paio Pires.

Neste mesmo ano, têm início as obras de construção do reservatório elevado de abastecimento de água à povoação da Aldeia de Paio Pires, no Vale de Abelha – Seixeira.

1953

Início do funcionamento da rede de distribuição domiciliária de água na freguesia de Amora.

Os moradores de Vale de Milhaços continuam a deslocar-se a Corroios para se abastecerem de água potável.

Obras para assentamento de colector e o encanamento da água na Aldeia de Paio Pires.

1954

Após os trabalhos de pesquisa e tendo-se encontrado água de excelente qualidade e quantidade no Talaminho, teve início a construção dos depósitos de Seixal, Amora, Arrentela, Paio Pires e Corroios; e o assentamento de muitos quilómetros de tubagem para abastecimento de água ao Concelho do Seixal.

1959

Inauguração de um chafariz à entrada da Aldeia de Paio Pires. Em várias freguesias do Concelho, foram construídos chafarizes de idêntico modelo – na Praça Luís de Camões (Seixal), no Largo da Mundet (Seixal), no Largo Joaquim Santos Boga (Seixal), na Praça da Liberdade (Arrentela), e na Rua Casal do Marco, Torre da Marinha (Arrentela).

1960

A Câmara Municipal do Seixal dota a Amora com um bebedouro junto às escadas que levam ao adro.

1964

Segundo o *Relatório da gerência da C.M.S. no ano de 1964: águas e saneamento, obras efectuadas e urbanização*, neste ano houve um consumo de 355.441 m³ de água distribuída comercialmente a 5.749 consumidores.

1974

No âmbito da distribuição de água da rede municipal estavam instalados 16.454 contadores e eram captadas 2.459.458 m³ de água, abrangendo 70% de população do Concelho.

1984

98% da população era abrangida pela rede pública municipal de abastecimento de água, com 38.739 contadores instalados e um volume de 7.341.236 m³ de água captada.

1996

O volume do consumo de água foi de 6.933.740 m³ para 63.216 consumidores registados.

2001

A rede de abastecimento público do Concelho forneceu 14 milhões de metros cúbicos de água abrangendo cerca de 80 mil consumidores (99% da população do Concelho).

Actualmente existem 30 captações em funcionamento no concelho do Seixal, que fornecem água bacteriologicamente potável.

INVENTÁRIO DE PATRIMÓNIO CULTURAL IMÓVEL DO CONCELHO DO SEIXAL

LEVANTAMENTO DE MARCOS FONTANÁRIOS, CHAFARIZES, LAVADOUROS E POÇOS PÚBLICOS

Inventariante: Arquitecto João Paulo Santos – Ecomuseu Municipal do Seixal

Agradecimentos:

Vivaldo da Silva Graça; Maria Lucília Quintino Fernandes; Paulo Alexandre Filipe Silva; Sotero Santana Gracioso; Filândio Firmino Santana; Carla Maria Ferreira de Oliveira; Mário Guilherme Gonçalves de Oliveira; Maria da Piedade Campos Ferreira de Oliveira; José Guilherme Gonçalves de Oliveira

Identificação do imóvel



Chafariz do Largo Joaquim Santos Boga
Seixal

Tipologia

Chafariz

Denominação corrente

Chafariz do Largo Joaquim Santos Boga

Proprietário(s)

Câmara Municipal do Seixal

Data de edificação

Construído na década de 50 do séc. XX.

Construção

Camarária

Localização

Freguesia - Seixal

Localidade - Seixal

Sítio - Seixal

Rua - Largo Joaquim Santos Boga

Acessos - EN 378, pela Rua 1º. de Dezembro ou pela Travessa dos Catraeiros.

Situação jurídica

Núcleo urbano antigo

Previsão de destino

Manutenção em funcionamento.

Dados históricos e cronológicos

Construído na década de 50 do séc. XX, quando foi instalada a rede pública de distribuição de água no Concelho.

Elementos de arquitectura ou decoração a destacar

Materiais de construção - alvenaria de tijolo, argamassa de areia e cal, cantaria de calcário (bojardado), azulejos, ferro forjado, ferro esmaltado e latão.

Escoamento de água por torneira (em latão polido), sita no alçado Nascente.

Escoamento de águas residuais para pia, e daí para rede pública de águas residuais.

Pavimento - base circular, com diâmetro igual ao comprimento, em planta, do espaldar; do lado Poente, em lajes de pedra calcária (de cor cinza/parda) aparelhada (pico grosso), de forma quadrada (seccionadas nos limites do círculo); do lado Nascente, em lajes de pedra calcária (de cor cinza/parda) aparelhada (pico grosso), dispostas em arco de volta perfeita, com as juntas convergentes ao centro do chafariz. Esta base está embebida numa plataforma quadrada, com os cantos arredondados, em calçada portuguesa (calcário branco) com lancil em calcário bojardado fino.

Muro / banco de apoio

Tipo de decoração apresentada - aplicações azulejares (painéis monocromáticos, azulejos brasonados e figurativos); cantaria.

Inscrição - "Este chafariz é teu. Estima-o de modo a que o teu semelhante o encontre

sempre limpo." - em placa esmaltada, com fundo azul escuro e letras e moldura a branco, aparafusada ao espaldar.

Área delimitada - pela plataforma de base.

Descrição geral

Chafariz de espaldar, originalmente com utilização das duas faces, actualmente com utilização da face voltada a Nascente. O espaldar é composto por dois corpos trapezoidais sobrepostos; o envasamento consiste num soco em forma de paralelepípedo rectangular. O espaldar foi construído em alvenaria de tijolo; o corpo trapezoidal inferior apresenta-se revestido com lajetas de calcário bojardado grosseiro; o corpo trapezoidal superior do espaldar está revestido a azulejo - painel monocromático azul-celeste, contendo interpolados azulejos figurativos, distribuídos em malha ortogonal - e capeado com calcário bojardado fino. O envasamento está revestido com lajetas de calcário bojardado fino. No alçado Poente, o espaldar tem acoplado um bebedouro, constituído por uma pia de planta quadrangular, em calcário bojardado fino, rematada inferiormente por uma faixa, assente sobre um pilar, em forma de pirâmide quadrangular invertida truncada, revestida com lajetas de calcário bojardado grosseiro; originalmente, uma torneira de alavanca accionada por pressão estaria instalada no centro da pia mas, actualmente, apenas se podem observar vestígios daquele dispositivo. No alçado Nascente, o espaldar tem acoplada, ao seu corpo inferior, uma pia de planta semi-circular, em calcário, polido na face interior e no topo, e bojardado fino na face exterior. Esta pia é cruzada por três vergalhões de ferro forjado, com decoração sinuosa e espiralada nos topos, colocados perpendicularmente ao espaldar, para assentamento de vasilhame. No corpo trapezoidal superior, está instalada uma torneira de saída redonda, de modelo bico-de-papagaio, em latão polido, rodeada por um florão em pedra calcária, de forma quadrangular e linhas simples.

Este chafariz está implantado num largo pavimentado com calçada portuguesa, com decoração geométrica policroma. Completam o conjunto dois bancos de jardim de estrutura metálica e assentos em ripado de madeira, e duas caldeiras com mudas de árvores.

Distribuição e descrição sumária da azulejaria figurativa nos alçados e da placa esmaltada com inscrições, de cima para baixo e da esquerda para a direita:

Alçado Poente: 1º. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; 2ª. Fila - Armas do Chefe do Brasão do Município - uma enxó cruzada com um machado sobre um macete, tudo de ouro; 3ª. Fila - Pescador com rede ao ombro, em praia, tendo em fundo rio, barco com vela latina e conjunto de casas; 4º. Fila - Cena de carregamento de fardos de cortiça em Botes de Fragata ou Varinos (o barco em primeiro plano exhibe a inscrição "Mundet" no casco), através de gruas; Veleiro (Lugre Bacalhoeiro ?) ancorado, com casa em fundo; 5ª. Fila - Barco com vela latina (provavelmente Barco dos Moinhos, com a inscrição "B 1307" na vela), tendo em fundo um Moinho de Maré; Trabalhos agrícolas - vindimas (?); Muleta do Seixal; 6ª. Fila - Moinho de Maré; Sobreiro descortiçado, tendo em fundo um montado de sobro e uma casa.

Alçado Nascente: 1ª. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; 2ª. Fila - Armas do Chefe do Brasão do Município - uma enxó cruzada com um machado sobre um macete, tudo de ouro; entre a 2ª. e a 3ª. Filas, placa esmaltada com inscrição; 3ª. Fila - Barco com vela latina (provavelmente Barco dos Moinhos, com a inscrição "B 1307" na vela), tendo em fundo um Moinho de Maré; Pescador com rede ao ombro, em praia, tendo em fundo rio, barco com vela latina e conjunto de casas; 4ª. Fila - Bote de Fragata (ou Varino ?) ancorado, com dois tipos de carga; Cena de carregamento de fardos de

cortiça em Botes de Fragata ou Varinos (o barco em primeiro plano exhibe a inscrição "Mundet" no casco), através de gruas; Muleta do Seixal; 5ª. Fila - Trabalhos agrícolas - vindimas (?); Bote de Fragata (ou Varino ?) ancorado, com dois tipos de carga;

Captação de água

Canalização de água da rede pública

Estado de conservação

Situação actual

Ameaçado - vandalizado (com *graffitis*)

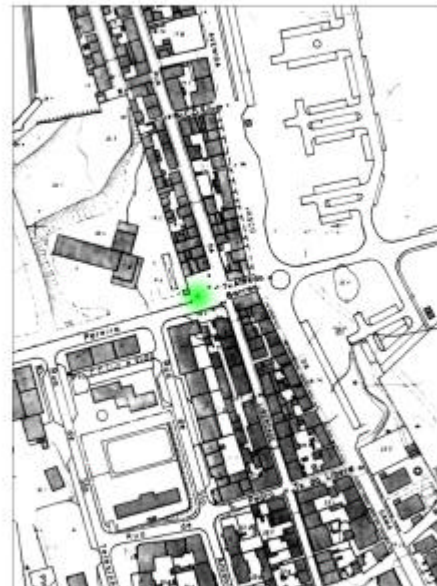
Factores de degradação

Antrópicos - vandalismo

Documentação cartográfica

Carta Topográfica 442-2/4-3, à escala 1:2.000

Identificação do imóvel



Chafariz do Largo da Mundet, Bairro Novo
Seixal

Tipologia

Chafariz

Denominação corrente

Chafariz do Largo da Mundet ou Chafariz do Bairro Novo

Proprietário(s)

Câmara Municipal do Seixal

Data de edificação

Foi construído na década de 50 do séc. XX. Substituiu um antigo chafariz existente no Largo da Mundet (ver a Ficha de Levantamento nº. 10).

Construção

Camarária

Localização

Freguesia - Seixal

Localidade - Seixal

Sítio - Bairro Novo

Rua - Largo da Mundet

Acessos - EN 378-1 (Av. Vasco da Gama), pela Travessa Alfredo Barroqueiro.

Equipamentos urbanos complementares**Situação jurídica**

Núcleo urbano antigo

Previsão de destino - manutenção em funcionamento**Dados históricos e cronológicos**

Foi construído na década de 50 do séc. XX, quando da instalação da rede pública de distribuição de água. Substituiu um antigo chafariz existente no Largo da Mundet (ver Ficha de Levantamento nº. 10).

Foi deslocado da sua localização original, no centro do Largo, no âmbito da intervenção efectuada pela Câmara Municipal no mesmo, em Março de 1998.

Elementos de arquitectura ou decoração a destacar

Materiais de construção - alvenaria de tijolo, argamassa de areia e cal, cantaria de calcário (bojardado), azulejos, ferro forjado, ferro esmaltado, latão e latão cromado.

Escoamento de água por torneira (em latão polido) no alçado Nascente e torneira de alavanca accionada por pressão (em latão cromado) no alçado Poente.

Escoamento de águas residuais para pias, e daí para rede pública de águas residuais. Pavimento - do lado Poente, de planta rectangular, em lajetas de betão, com lancil em calcário bojardado; do lado Nascente, duas plataformas sobrepostas (em degrau), a superior de planta semi octogonal, em lajetas de betão com lancil em calcário

bojardado, a inferior de planta semi-circular, em calçada portuguesa.

Muro / banco de apoio

Tipo de decoração apresentada - aplicações azulejares (painéis monocromáticos, azulejos brasonados e figurativos); cantaria.

Inscrição - "Este chafariz é teu. Estima-o de modo a que o teu semelhante o encontre sempre limpo." - em placa esmaltada, com fundo azul escuro e letras e moldura a branco, aparafusada ao espaldar.

Descrição geral

Chafariz de espaldar, com utilização das duas faces. O espaldar é composto por dois corpos trapezoidais sobrepostos; o envasamento consiste num soco em forma de paralelepípedo rectangular. O espaldar foi construído em alvenaria de tijolo; o corpo trapezoidal inferior e o envasamento apresentam-se revestidos com lajetas de calcário bojardado grosseiro. O corpo trapezoidal superior do espaldar está revestido a azulejo - painel monocromático preto, contendo interpolados azulejos figurativos, distribuídos em malha ortogonal - e capeado com calcário bojardado fino. Dois pequenos canteiros, instalados nos topos do corpo inferior, ladeiam (a Norte e a Sul) o corpo trapezoidal superior.

No alçado Poente, o espaldar tem acoplado um bebedouro, constituído por uma pia de planta quadrangular, em calcário bojardado fino, rematada inferiormente por uma faixa, assente sobre um pilar, em forma de pirâmide quadrangular invertida truncada, revestida com lajetas de calcário bojardado grosseiro; no centro da pia está instalada uma torneira de alavanca accionada por pressão, em latão cromado e alguns componentes em latão polido.

No alçado Nascente, o espaldar tem acoplada, ao seu corpo inferior, uma pia de planta semi-circular, em calcário, polido na face interior e no topo, e bojardado fino na face exterior. Esta pia era originalmente cruzada por três vergalhões de ferro forjado, com decoração sinuosa e espiralada nos topos, colocados perpendicularmente ao espaldar, para assentamento de vasilhame. Actualmente já só existe um dos vergalhões, sendo visíveis os locais de fixação dos outros dois. No corpo trapezoidal superior, está instalada uma torneira de saída redonda, de modelo bico-de-papagaio, em latão polido, rodeada por um florão em pedra calcária, de forma quadrangular e linhas simples.

Distribuição e descrição sumária da azulejaria figurativa nos alçados e da placa esmaltada com inscrições, de cima para baixo e da esquerda para a direita:

Alçado Poente: 1º. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; 2ª. Fila - Armas do Chefe do Brasão do Município - uma enxó cruzada com um machado sobre um macete, tudo de ouro; 3ª. Fila - Pescador com rede ao ombro, em praia, tendo em fundo rio, barco com vela latina e conjunto de casas; 4º. Fila - Muleta do Seixal; Bote de Fragata (ou Varino ?) ancorado, com dois tipos de carga; 5ª. Fila - Sobreiro descortiçado, tendo em fundo um montado de sobreiro e uma casa; Trabalhos agrícolas - vindimas (?); Sobreiro descortiçado, tendo em fundo um montado de sobreiro e uma casa; 6ª. Fila - Barco com vela latina (provavelmente Barco dos Moinhos, com a inscrição "B 1307" na vela), tendo em fundo um Moinho de Maré; Bote de Fragata (ou Varino ?) ancorado, com dois tipos de carga.

Alçado Nascente: 1ª. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; entre a 1ª. e a 2ª. Filas, placa esmaltada com inscrição; 2ª. Fila - Armas do Chefe do Brasão do Município - uma enxó cruzada com um machado sobre um macete, tudo de ouro; 3ª. Fila - Pescador com rede ao ombro, em praia, tendo em fundo rio, barco com vela latina e

conjunto de casas; 4ª. Fila - Veleiro (Lugre Bacalhoeiro ?) ancorado, com casa em fundo; Barco com vela latina (provavelmente Barco dos Moinhos, com a inscrição "B 1307" na vela), tendo em fundo um Moinho de Maré; 5ª. Fila - Trabalhos agrícolas - vindimas (?); Sobreiro descortiçado, tendo em fundo um montado de sobro e uma casa; Cena de carregamento de fardos de cortiça em Botes de Fragata ou Varinos (o barco em primeiro plano exibe a inscrição "Mundet" no casco), através de gruas; 6ª. Fila - Moinho de Maré; Muleta do Seixal..

Captação de água

Canalização de água da rede pública

Estado de conservação

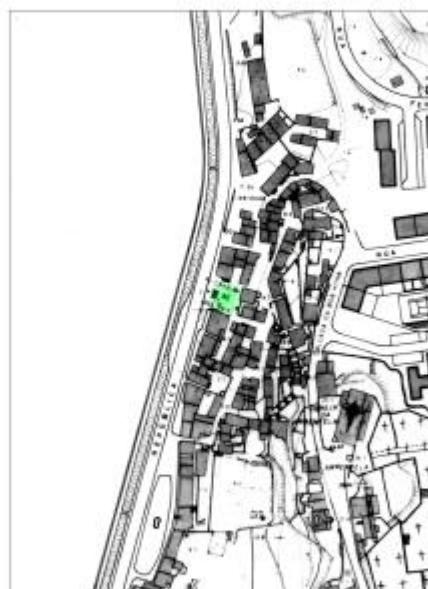
Situação actual

È limpo esporadicamente pelos Serviços da Autarquia.
Ameaçado.

Factores de degradação

Antrópicos - vandalismo - *graffitis*

Identificação do imóvel



Chafariz da Praça Cândido dos Reis
Arrentela

Tipologia

Chafariz

Denominação corrente

Chafariz do Largo da Farmácia

Proprietário(s)

Câmara Municipal do Seixal

Data de edificação

Foi construído na década de 50 do séc. XX. Substituiu um antigo chafariz existente no local (ver a Ficha de Levantamento nº. 16).

Construção

Camarária - substituiu um antigo chafariz existente no mesmo local (ver a Ficha de Levantamento nº. 16), quando da instalação de água canalizada (início da década de 50 do séc. XX).

Localização

Freguesia - Arrentela

Localidade - Arrentela

Sítio - Largo da Farmácia

Rua - Praça Cândido dos Reis

Acessos - EN 378 (Av. da República)

Equipamentos urbanos complementares

Integrado em pequena área ajardinada, consistindo numa plataforma pavimentada com calçada portuguesa (em calcário branco), ladeada (a Norte e a Sul) por canteiros. Dois bancos de jardim em ripado de madeira, um telefone público e dois candeeiros (compostos por colunas caneladas em ferro fundido, encimadas por lanternas de secção hexagonal, com suportes em ferro para os vidros, que são foscos) estão também instalados na plataforma.

Situação jurídica

Núcleo urbano antigo

Previsão de destino

Manutenção em funcionamento.

Dados históricos e cronológicos

Foi construído na década de 50 do séc. XX, quando da instalação da rede pública de distribuição de água. Substituiu um poço/chafariz com bomba manual de alavanca, existente no mesmo local (ver a Ficha de Levantamento nº. 16).

Elementos de arquitectura ou decoração a destacar

Materiais de construção - alvenaria de tijolo, argamassa de areia e cal, cantaria de calcário (bojardado), azulejos, ferro forjado e latão.

Escoamento de água por torneira de alavanca, em latão cromado.

Escoamento de águas residuais para pia, e daí para rede pública de águas residuais. Pavimento - do lado Poente, duas plataformas escalonadas, de planta rectangular, em lajetas de calcário bojardado fino, rematadas inferiormente por faixas, que assentam, por sua vez, numa terceira plataforma, com pavimento em calçada portuguesa (calcário branco).

Muro / banco de apoio

Tipo de decoração apresentada - aplicações azulejares (painéis monocromáticos, azulejos brasonados e figurativos); cantaria.

Inscrição

Área delimitada - pelo espaldar e pelo perímetro exterior da plataforma, em calcário bojardado fino, de cota altimétrica mais baixa.

Dimensões

Descrição Geral

Chafariz de espaldar, com utilização de uma só face, embora existam indícios da utilização original das duas faces. O espaldar é composto por quatro corpos trapezoidais sobrepostos, com a seguinte ordem, de baixo para cima: trapézio regular, trapézio rematado a Nascente e Poente por moldura sinuosa (perfil de garganta reversa), mais dois trapézios regulares, tendo o superior a forma de um obelisco com a ponta truncada. O envasamento consiste num soco, também de forma trapezoidal.

O espaldar foi construído em alvenaria de tijolo, revestido a azulejo - painel monocromático amarelo-claro, contendo interpolados azulejos figurativos, distribuídos em malha ortogonal - e capeado com calcário bojardado fino. O envasamento está revestido com lajetas de calcário bojardado grosseiro.

Acoplada à face Poente do espaldar, encontra-se uma pia, de planta quadrangular e faces trapezoidais, sendo a dimensão do topo superior à da base, em calcário, bojardado fino na face exterior, polido na face interior e no topo. A parte inferior das faces laterais exteriores da pia é rematada por uma faixa. A referida pia assenta sobre duas plataformas escalonadas, de planta quadrangular e cantos arredondados (sendo de menores dimensões a que tem cota altimétrica superior), construídas em lajes quadradas de calcário bojardado fino. As duas plataformas de cota altimétrica mais elevada estão rematadas inferiormente por uma faixa. Do lado Norte, foi construída uma terceira plataforma, escalonada com as outras duas pré-existentes, com dimensões superiores mas cota altimétrica inferior às mesmas.

A pia é cruzada por três vergalhões de ferro forjado, paralelos entre si e perpendiculares à face do espaldar, para assentamento de vasilhame. Estes três vergalhões assentam sobre dois outros vergalhões, igualmente em ferro forjado, perpendiculares aos primeiros e, portanto, paralelos entre si e à face do espaldar.

Na face Poente do espaldar está instalada uma torneira de saída redonda, de alavanca, em latão cromado, rodeada por um florão em pedra calcária, de forma quadrangular e linhas simples.

O alçado Nascente evidencia ter sofrido alterações, nomeadamente a (provável) remoção de uma pia de modelo idêntico à que está acoplada ao alçado Poente, e de uma torneira. Na prumada correspondente ao local da torneira e canalização, os azulejos originais foram substituídos por azulejos rectangulares, matizados de preto e vermelho-

escuro; no local onde encostaria a pia, os azulejos originais foram substituídos por azulejos rectangulares, matizados de cor de areia, clara e escura; a nova canalização, em ferro galvanizado, ficou à face do espaldar (e portanto, à vista); na parte restante desta face do espaldar, foram mantidos os azulejos monocromáticos e figurativos originais.

Distribuição e descrição sumária da azulejaria figurativa nos alçados, de cima para baixo e da esquerda para a direita:

Alçado Poente: 1º. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; 2ª. Fila - Veleiro (Lugre Bacalhoeiro ?) ancorado, com casa em fundo; 3ª. Fila - painel figurativo, de aplicação muito mais recente do que a restante azulejaria da face Poente do espaldar, composto por seis azulejos, de fundo branco e pintura a azul, representando uma vista da parte antiga da Arrentela, tirada da Amora de Baixo; a vista está enquadrada por uma moldura de motivos florais e contem a inscrição "Junta Freguesia da Arrentela" em letra cursiva; 4º. Fila - Armas do Chefe do Brasão do Município - uma enxó cruzada com um machado sobre um macete, tudo de ouro; Armas do Chefe do Brasão do Município - uma enxó cruzada com um machado sobre um macete, tudo de ouro; 5ª. Fila - Trabalhos agrícolas - vindimas (?); Moinho de Maré; Pescador com rede ao ombro, em praia, tendo em fundo rio, barco com vela latina e conjunto de casas; Pescador com rede ao ombro, em praia, tendo em fundo rio, barco com vela latina e conjunto de casas; Moinho de Maré; Trabalhos agrícolas - vindimas (?); 6ª. Fila - Barco com vela latina (provavelmente Barco dos Moinhos, com a inscrição "B 1307" na vela), tendo em fundo um Moinho de Maré; Pescador com rede ao ombro, em praia, tendo em fundo rio, barco com vela latina e conjunto de casas; Barco com vela latina (provavelmente Barco dos Moinhos, com a inscrição "B 1307" na vela), tendo em fundo um Moinho de Maré; Muleta do Seixal; Cena de carregamento de fardos de cortiça em Botes de Fragata ou Varinos (o barco em primeiro plano exhibe a inscrição "Mundet" no casco), através de guias; Sobreiro descortiçado, tendo em fundo um montado de sobro e uma casa; Veleiro (Lugre Bacalhoeiro ?) ancorado, com casa em fundo; 7ª. Fila - Sobreiro descortiçado, tendo em fundo um montado de sobro e uma casa; Sobreiro descortiçado, tendo em fundo um montado de sobro e uma casa;

Alçado Nascente: 1ª. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; 2ª. Fila - Armas do Chefe do Brasão do Município - uma enxó cruzada com um machado sobre um macete, tudo de ouro; 3ª. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; 4ª. Fila - Bote de Fragata (ou Varino ?) ancorado, com dois tipos de carga; Bote de Fragata (ou Varino ?) ancorado, com dois tipos de carga;

Captação de água

Canalização de água da rede pública - o antigo chafariz era alimentado a partir de um poço, sendo a água elevada através de uma bomba manual, accionada por sistema de alavanca

Estado de conservação

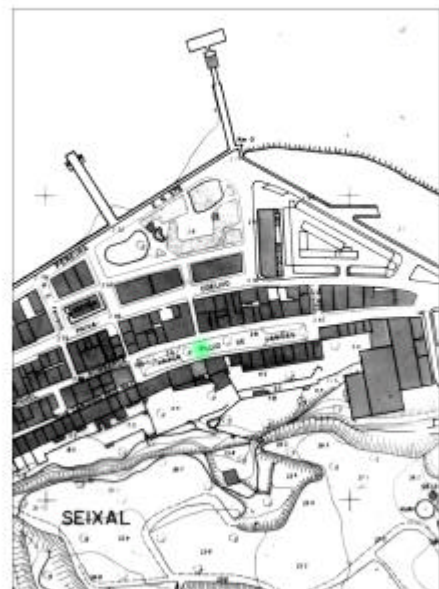
Situação actual

Manutenção assegurada

Documentação cartográfica

Carta Topográfica 442-4/1-3, à escala 1:2.000

Identificação do imóvel



Chafariz da Praça Luís de Camões
Seixal

Tipologia

Chafariz

Denominação corrente

Chafariz da Praça Luís de Camões

Proprietário(s)

Câmara Municipal do Seixal

Data de edificação

Foi construído na década de 50 do séc. XX. Substituiu um antigo marco fontanário sito no mesmo local (ver a Ficha de Levantamento nº. 4).

Construção

Camarária

Localização

Freguesia - Seixal

Localidade - Seixal

Sítio - Seixal

Rua - Praça Luís de Camões

Acessos - EN 378 (Av. Nuno Álvares Pereira), pelas Rua dos Pescadores, Rua D. Maria II, Travessa dos Lusíadas, Rua Dr. Miguel Bombarda ou Rua Sociedade União Seixalense

Equipamentos urbanos complementares**Situação jurídica**

Núcleo urbano antigo

Previsão de destino

Manutenção em funcionamento.

Dados históricos e cronológicos

Foi construído na década de 50 do séc. XX, quando da instalação da rede pública de distribuição de água. Substituiu o antigo marco fontanário existente no local (ver Ficha de Levantamento nº. 4).

Elementos de arquitectura ou decoração a destacar

Materiais de construção - alvenaria de tijolo, argamassa de areia e cal, cantaria de calcário (bojardado), azulejos, ferro forjado e latão.

Escoamento de água por torneiras de latão polido.

Escoamento de águas residuais para pia, e daí para rede pública de águas residuais. Pavimento - do lado Norte, três plataformas escalonadas, de planta rectangular, em lajetas de calcário bojardado fino; do lado Sul, duas plataformas

escalonadas, de planta rectangular, em lajetas de calcário bojardado fino.

Muro / banco de apoio

Tipo de decoração apresentada - aplicações azulejares (painéis monocromáticos, azulejos brasonados e figurativos); cantaria.

Inscrição

Área delimitada - pelo perímetro exterior das plataformas de cota altimétrica mais baixa.

Dimensões

Descrição Geral

Chafariz de espaldar, com utilização das duas faces. O espaldar é composto por quatro corpos trapezoidais sobrepostos, com a seguinte ordem, de baixo para cima: trapézio regular, trapézio rematado a Nascente e Poente por moldura sinuosa (perfil de garganta reversa), mais dois trapézios regulares, tendo o superior a forma de um obelisco com a ponta truncada. O envasamento consiste num soco, também de forma trapezoidal.

O espaldar foi construído em alvenaria de tijolo, revestido a azulejo - painel monocromático verde-claro (seco), contendo interpolados azulejos figurativos, distribuídos em malha ortogonal - e capeado com calcário bojardado fino. O envasamento está revestido com lajetas de calcário bojardado grosseiro.

Acoplada a cada uma das faces (Norte e Sul) do espaldar, encontra-se uma pia, de planta quadrangular e faces trapezoidais, sendo a dimensão do topo superior à da base, em calcário, bojardado fino na face exterior, polido na face interior e no topo. A parte inferior das faces laterais exteriores da pia é rematada por uma faixa. Cada uma das pias assenta sobre duas plataformas escalonadas, de planta quadrangular e cantos arredondados (sendo de menores dimensões a que tem cota altimétrica superior), construídas em lajes quadradas de calcário bojardado fino. As pias e as duas plataformas de cota altimétrica mais elevada estão rematadas inferiormente por uma faixa. Do lado Norte, foi construída uma terceira plataforma, escalonada com as outras duas pré-existentes, com dimensões superiores mas cota altimétrica inferior às mesmas.

Cada uma das pias é cruzada por três vergalhões de ferro forjado, paralelos entre si e perpendiculares à face do espaldar, para assentamento de vasilhame. Estes três vergalhões assentam sobre dois outros vergalhões, igualmente em ferro forjado, perpendiculares aos primeiros e, portanto, paralelos entre si e à face do espaldar.

Em cada uma das faces (Norte e Sul) do espaldar está instalada uma torneira de saída redonda, de modelo bico-de-papagaio, em latão polido, rodeada por um florão em pedra calcária, de forma quadrangular e linhas simples.

Distribuição e descrição sumária da azulejaria figurativa nos alçados, de cima para baixo e da esquerda para a direita:

Alçado Norte: 1º. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; 2ª. Fila - Armas do Chefe do Brasão do Município - uma enxó cruzada com um machado sobre um macete, tudo de ouro; 3ª. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; 4º. Fila - Veleiro (Lugre Bacalhoeiro ?) ancorado, com casa em fundo; Bote de Fragata (ou Varino ?) ancorado, com dois tipos de carga; 5ª. Fila - Cena de carregamento de fardos de cortiça em Botes de Fragata ou Varinos (o barco em primeiro plano exhibe a inscrição "Mundet" no casco), através de gruas; Trabalhos agrícolas - vindimas (?); Bote de Fragata (ou Varino ?) ancorado, com dois tipos de carga; Sobreiro descortiçado, tendo em fundo um montado de sobro e uma casa; Pescador com rede ao ombro, em praia, tendo em fundo

rio, barco com vela latina e conjunto de casas; Veleiro (Lugre Bacalhoeiro ?) ancorado, com casa em fundo; Barco com vela latina (provavelmente Barco dos Moinhos, com a inscrição "B 1307" na vela), tendo em fundo um Moinho de Maré; 6ª. Fila - Muleta do Seixal; Moinho de Maré; Moinho de Maré; Muleta do Seixal;

Alçado Sul: 1ª. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; 2ª. Fila - Armas do Chefe do Brasão do Município - uma enxó cruzada com um machado sobre um macete, tudo de ouro; 3ª. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; 4ª. Fila - Barco com vela latina (provavelmente Barco dos Moinhos, com a inscrição "B 1307" na vela), tendo em fundo um Moinho de Maré; azulejo em branco (o original já havia desaparecido quando da intervenção realizada pelos Serviços Municipais); 5ª. Fila - Barco com vela latina (provavelmente Barco dos Moinhos, com a inscrição "B 1307" na vela), tendo em fundo um Moinho de Maré; Trabalhos agrícolas - vindimas (?); Pescador com rede ao ombro, em praia, tendo em fundo rio, barco com vela latina e conjunto de casas; Sobreiro descortiçado, tendo em fundo um montado de sobro e uma casa; Veleiro (Lugre Bacalhoeiro ?) ancorado, com casa em fundo; Bote de Fragata (ou Varino ?) ancorado, com dois tipos de carga; Trabalhos agrícolas - vindimas (?); 6ª. Fila - Muleta do Seixal; Moinho de Maré; Moinho de Maré; Cena de carregamento de fardos de cortiça em Botes de Fragata ou Varinos (o barco em primeiro plano exhibe a inscrição "Mundet" no casco), através de gruas.

Captação de água

Canalização de água da rede pública

Estado de conservação

Situação actual

Manutenção assegurada - pela Câmara Municipal.

Ameaçado - vandalizado (com *graffitis*).

Factores de degradação

Antrópicos - vandalismo

Documentação cartográfica

Carta Topográfica 442-2/4-3, à escala 1:2.000

Identificação do imóvel



Chafariz da Rua do Casal do Marco
Torre da Marinha

Tipologia

Chafariz

Denominação corrente

Chafariz da Torre

Proprietário(s)

Câmara Municipal do Seixal

Data de edificação

Foi construído na década de 50 do séc. XX.

Construção

Camarária

Localização

Freguesia - Arrentela

Localidade - Torre da Marinha

Sítio - Torre da Marinha

Rua - Rua do Casal do Marco

Acessos - EN 378, pela Av. do Movimento das Forças Armadas ou pela Rua General Humberto Delgado.

Equipamentos urbanos complementares

Pequeno espaço envolvente ajardinado.

Previsão de destino

Manutenção em funcionamento.

Dados históricos e cronológicos

Foi construído na década de 50 do séc. XX, quando da instalação da rede pública de distribuição de água.

Elementos de arquitectura ou decoração a destacar

Materiais de construção - alvenaria de tijolo, argamassa de areia e cal, cantaria de calcário (bojardado), azulejos, ferro forjado e latão.

Escoamento de água por torneira (em latão polido) no alçado Nascente e, originalmente, por torneira de alavanca accionada por pressão (hoje desaparecida) no alçado Poente.

Escoamento de águas residuais para pia, e daí para rede pública de águas residuais.

Pavimento - grande plataforma, de planta quadrada, em lajetas de betão com lancil em calcário bojardado; ligação ao passeio da Rua do Casal do Marco através de três degraus, em calçada portuguesa espelhos em lancil de calcário bojardado fino. A plataforma está ladeada, a Nordeste e a Sudoeste por canteiros, sendo finalmente todo o conjunto rodeado por sebes vivas.

Muro / banco de apoio
Tipo de decoração apresentada - aplicações azulejares (painéis monocromáticos, azulejos brasonados e figurativos); cantaria.
Inscrição
Área delimitada - pelas sebes vivas que envolvem os canteiros e a plataforma.
Dimensões

Descrição geral

Chafariz de espaldar, com utilização das duas faces. O espaldar é composto por dois corpos trapezoidais sobrepostos; o envasamento consiste num soco em forma de paralelepípedo rectangular. O espaldar foi construído em alvenaria de tijolo; o corpo trapezoidal inferior apresenta-se revestido com lajetas de calcário bojardado grosseiro e o envasamento está revestido com lajetas de calcário bojardado fino. O corpo trapezoidal superior do espaldar está revestido a azulejo - painel monocromático verde-claro (seco), contendo interpolados azulejos figurativos, distribuídos em malha ortogonal - e capeado com calcário bojardado fino. Originalmente, apresentava dois pequenos canteiros, instalados nos topos do corpo inferior, ladeando (a Nordeste e a Sudoeste) o corpo trapezoidal superior; cada um destes canteiros foi tapado com uma lajeta de pedra calcária bojardada fina.

No alçado Poente, o espaldar tinha, originalmente, acoplado um bebedouro, constituído por uma pia de planta quadrangular, em calcário bojardado fino, rematada inferiormente por uma faixa, assente sobre um pilar, em forma de pirâmide quadrangular invertida truncada, revestida com lajetas de calcário bojardado grosseiro; no centro da pia estaria instalada uma torneira de alavanca accionada por pressão, hoje desaparecida; esta pia foi desactivada e tapada com uma lajeta de pedra calcária bojardada fina.

No alçado Nascente, o espaldar tem acoplada, ao seu corpo inferior, uma pia de planta semi-circular, em calcário, polido na face interior e no topo, e bojardado fino na face exterior. Esta pia era originalmente cruzada por três vergalhões de ferro forjado, com decoração sinuosa e espiralada nos topos, colocados perpendicularmente ao espaldar, para assentamento de vasilhame. Actualmente já só existe um dos vergalhões, sendo visíveis os locais de fixação dos outros dois. No corpo trapezoidal superior, está instalada uma torneira de saída redonda, de modelo bico-de-papagaio, em latão polido, rodeada por um florão em pedra calcária, de forma quadrangular e linhas simples.

Distribuição e descrição sumária da azulejaria figurativa nos alçados e da placa esmaltada com inscrições, de cima para baixo e da esquerda para a direita:

Alçado Noroeste: 1º. Fila - Brasão de Armas da Vila do Seixal; 2ª. Fila - Armas do Chefe do Brasão do Município - uma enxó cruzada com um machado sobre um macete, tudo de ouro; 3ª. Fila - Veleiro (Lugre Bacalhoeiro ?) ancorado, com casa em fundo; 4º. Fila - Bote de Fragata (ou Varino ?) ancorado, com dois tipos de carga; Muleta do Seixal; 5ª. Fila - Trabalhos agrícolas - vindimas (?); Sobreiro descortiçado, tendo em fundo um montado de sobro e uma casa; Trabalhos agrícolas - vindimas (?); 6ª. Fila - Bote de Fragata (ou Varino ?) ancorado, com dois tipos de carga; Cena de carregamento de fardos de cortiça em Botes de Fragata ou Varinos (o barco em primeiro plano exhibe a inscrição "Mundet" no casco), através de guas;.

Alçado Sueste: 1ª. Fila - Armas do Chefe do Brasão do Município - uma enxó cruzada com um machado sobre um macete, tudo de ouro; 2ª. Fila - Moinho de Maré;

3ª. Fila - Muleta do Seixal; 4ª. Fila - Trabalhos agrícolas - vindimas (?); Sobreiro descortçado, tendo em fundo um montado de sobro e uma casa; Pescador com rede ao ombro, em praia, tendo em fundo rio, barco com vela latina e conjunto de casas; 5ª. Fila - Cena de carregamento de fardos de cortiça em Botes de Fragata ou Varinos (o barco em primeiro plano exibe a inscrição "Mundet" no casco), através de gruas; Muleta do Seixal.

Captação de água

Canalização de água da rede pública

Estado de conservação

Situação actual

Ameaçado - é alvo de vandalismo.

Factores de degradação

Antrópicos - vandalismo (*graffitis*)

Documentação cartográfica

Carta Topográfica 442-4/2-3, à escala 1:2.000

Identificação do imóvel



Marco Fontanário de Fernão Ferro
Fernão Ferro

Tipologia

Marco fontanário

Denominação corrente

Marco Fontanário de Fernão Ferro ou Chafariz de Fernão Ferro

Proprietário(s)

Câmara Municipal do Seixal

Data de edificação**Construção**

Camarária - ou, eventualmente, pelo Estado, como apoio à Estação de Muda da Antiga Estrada Real.

Localização

Freguesia - Fernão Ferro (anteriormente, Freguesia de Amora).

Localidade - Fernão Ferro

Sítio - Fernão Ferro

Rua - Rua Dr. Luís Varela Lio (antigo traçado da Estrada Real Cacilhas - Sesimbra e, mais tarde, da EN 378).

Acessos - EN 378, pela Rua Dr. Luís Varela Lio.

Equipamentos urbanos complementares

Um canteiro a Poente e um candeeiro público a Nordeste do Marco, dentro do perímetro definido pela área calcetada contígua.

Situação jurídica**Previsão de destino**

Manutenção em funcionamento.

Dados históricos e cronológicos

Em 1995, a Junta de Freguesia de Fernão Ferro promoveu obras de remodelação / restauro no imóvel.

Elementos de arquitectura ou decoração a destacar

Materiais de construção - alvenaria de pedra e/ou tijolo, pedra calcária, ferro fundido, latão, latão cromado, aplicações azulejares.

Escoamento de água por sistema misto, de torneira (de latão) acoplada a bica, tendo ainda um bebedouro de repuxo igualmente acoplado à bica.

Escoamento de águas residuais para pia, e daí para rede pública de águas residuais. Pavimento - de planta semi-circular calcetado com cubos (grandes) de

calcário e granito.

Muro / banco de apoio - banco com planta em forma de segmento circular, prolongando-se para um e outro lado do Marco Fontanário, que a ele está encostado; dois pequenos bancos de um e outro lado da pia, encostados a esta e ao banco semi-circular.

Tipo de decoração apresentada - aplicações azulejares (azulejos brasonados e com inscrições); cantaria.

Inscrição - "Restaurado pela Junta Freguesia Fernão Ferro 1995", em letra cursiva de cor azul sobre painel azulejar de fundo branco.

Área delimitada - pelo banco de apoio e pela base calcetada à frente do marco.

Dimensões

Descrição Geral

Marco Fontanário, constituído por um pilar de secção quadrangular e juntas refendidas, em alvenaria de pedra e/ou tijolo, revestido com pedra calcária bojardada fina. O coroamento do pilar é composto, de baixo para cima, por um quarto de círculo, um filete, uma faixa e um remate superior com quatro águas de pequena inclinação, sendo a cumeeira paralela à face a que encosta a pia. A base é composta, de cima para baixo, por um quarto de círculo e uma faixa.

Por sua vez, a base do pilar assenta num bloco paralelepípedo rectangular em alvenaria rebocada e caiada, capeada com calcário bojardado fino. Uma pia, toda realizada em calcário bojardado fino, encosta à face Nascente do citado bloco de envasamento. Os panos exteriores da pia apresentam uma pequena cornija, composta por uma faixa. No interior da pia, um cilindro de betão armado ou alvenaria rebocada, capeado a mármore de cor rosa, serve de base para assentamento de vasilhame. Na face Nascente da pia, foi aplicado um pequeno painel azulejar, com sete peças de fundo branco, dispostas em três filas. A primeira fila é composta por um só azulejo, polícromo, com o Brasão de Armas da Freguesia de Fernão Ferro. Nas duas filas inferiores, de três azulejos cada, a inscrição "Restaurado pela Junta Freguesia Fernão Ferro 1995", com moldura de motivos florais, tudo em azul.

Na face Nascente do pilar existe uma antiga bica de ferro fundido pintado, em forma de cabeça de leão, com um florão do mesmo material. A actual canalização de ferro galvanizado que assegura a condução da água, emerge do interior do pilar através da boca do leão e termina numa torneira de saída redonda, de modelo bico-de-papagaio, em latão polido. Da parte superior da cabeça do leão emerge um ramal, que termina numa torneira de passagem, actualmente sem manípulo, e, finalmente, numa torneira accionada por êmbolo.

A Poente, o bloco de envasamento do Marco Fontanário está apoiado num banco/murete comprido, de planta em forma de segmento circular, prolongando-se para Norte e Sul do restante conjunto. Este banco/murete foi construído em alvenaria, rebocada e caiada, capeada com blocos de calcário bojardado fino de face superior arredondada. Os blocos de capeamento estão emalhetados entre si, com respigas e mechas de forma semi-circular.

Ladeando (a Norte e a Sul) a pia, encostados a esta e ao banco/murete, encontram-se dois pequenos poiais, com a forma de paralelepípedos rectangulares, em alvenaria rebocada e caiada, capeados com blocos de pedra calcária bojardada. Estes poiais têm altura inferior à pia e ao banco/murete.

Captação de água

Canalização de água da rede pública e, anteriormente, captação de mina

Estado de conservação**Situação actual**

Manutenção assegurada - remodelado / restaurado em 1995, por iniciativa da Junta de Freguesia de Fernão Ferro.

Factores de degradação

Naturais

Antrópicos

Documentação cartográfica

Carta Topográfica 453-2/2-3, à escala 1:2.000

Identificação do imóvel



Marco Fontanário do Largo Manuel da Costa
Amora de Baixo

Tipologia

Marco Fontanário

Denominação corrente

Marco Fontanário do Largo Manuel da Costa ou Chafariz da Amora de Baixo.

Proprietário(s)

Câmara Municipal do Seixal

Data de edificação

Foi construído no início da década de 50 do séc. XX.

Construção

Camarária

Localização

Freguesia - Amora

Localidade - Amora

Sítio - Amora de Baixo

Rua - Largo Manuel da Costa

Acessos - Rua 1º. de Maio, pela Rua Fonte da Prata e Rua dos Lobatos. Pela Av. Silva Gomes (Av. Marginal da Amora).

Equipamentos urbanos complementares

Integrado em zona que foi objecto de intervenção de "requalificação urbana", realizada pelos Serviços da Câmara Municipal - arranjo do pavimento, colocação de bancos.

Situação jurídica

Núcleo urbano antigo

Previsão de destino

Manutenção em funcionamento.

Dados históricos e cronológicos

Foi construído na década de 50 do séc. XX, quando da instalação da rede pública de distribuição de água . Substituiu um antigo chafariz, que estava situado alguns metros mais a Poente.

Elementos de arquitectura ou decoração a destacar

Materiais de construção - ferro fundido, latão, alvenaria de tijolo, pedra
Escoamento de água por torneira (de latão)

Escoamento de águas residuais para pia e daí para rede pública de águas

residuais Pavimento - duas plataformas de planta quadrangular sobrepostas, sendo a superior rodada (ou seja, as faces não ficaram paralelas) em relação à inferior, em lajetas quadradas de pedra bojardada fina

Muro / banco de apoio

Tipo de decoração apresentada

Inscrição - "Lusalite Lisboa", em baixo relevo, em chapa rectangular de latão, fixada no topo do Marco Fontanário

Área delimitada - pela plataforma de envasamento

Dimensões

Descrição Geral

Marco fontanário, constituído por um pilar em ferro fundido, de secção octogonal (com um dos eixos alongado), alternando (quatro) faces lisas com (quatro) faces com caneluras (estas últimas mais largas), sendo o remate superior dos alçados semi-circular, com as caneluras paralelas e concêntricas; no topo do pilar, encontra-se fixada uma pequena placa de latão, com a inscrição "Lusalite Lisboa" em baixo relevo. O marco está pintado com tinta de esmalte, de cor prateada. O pilar está ladeado, a Noroeste e a Sudeste por dois muretes em betão armado (ou alvenaria de tijolo), com altura ligeiramente inferior ao marco metálico, revestidos com pedra bojardada fina. O Marco Fontanário está implantado no centro de uma pia côncava (de planta circular), em pedra polida, escavada numa plataforma revestida com a mesma pedra, mas bojardada fina. Esta plataforma, de planta quadrada e face superior inclinada (sentido descendente de Norte para Sul), assenta numa outra plataforma, igualmente de planta quadrada, revestida com lajetas quadradas de pedra aparelhada não polida. Nos cantos Noroeste, Sudoeste e Sueste e ainda a meio das lados Poente e Sul desta plataforma de cota altimétrica inferior, está implantado um total de cinco cubos, em betão armado (ou alvenaria de tijolo), revestidos a pedra.

Captação de água

Canalização de água da rede pública

Estado de conservação

Situação actual

Manutenção assegurada - teve intervenção recente (1995), realizada pela Câmara - pintura do Marco Fontanário e alteração do envasamento

Factores de degradação

Naturais

Antrópicos

Documentação cartográfica

Carta Topográfica 442-2/5-2, à escala 1:2.000

Identificação do imóvel



Marco Fontanário de Largo dos Restauradores
Seixal

Tipologia

Marco Fontanário

Denominação corrente

Marco Fontanário do Largo dos Restauradores ou Chafariz do Largo dos Restauradores.

Proprietário(s)

Câmara Municipal do Seixal

Data de edificação

Foi construído (ou adaptado) na década de 50 do séc. XX.

Construção

Camarária

Localização

Freguesia - Seixal

Localidade - Seixal

Sítio - Seixal

Rua - Largo dos Restauradores

Acessos - EN 378

Equipamentos urbanos complementares**Situação jurídica**

Núcleo urbano antigo

Previsão de destino

Manutenção em funcionamento.

Dados históricos e cronológicos

Foi construído (ou adaptado) na década de 50 do séc. XX, quando da instalação da rede pública de distribuição de água. Substituiu o "Poço do Coelho" (ver Ficha de Levantamento nº. 2), sito no mesmo local, tendo sido provavelmente aproveitada parte da estrutura existente. Remodelado em 1990, por iniciativa da Câmara Municipal.

Elementos de arquitectura ou decoração a destacar

Materiais de construção - alvenaria de tijolo e/ou pedra, pedra calcária, ferro, latão, azulejaria, faiança.

Escoamento de água por torneira de latão polido.

Escoamento de águas residuais para pia, e daí para rede pública de águas residuais. Pavimento - em calçada portuguesa (calcário branco).

Muro / banco de apoio - muro de suporte (com o topo a cota superior à do pavimento do conjunto) de planta semi-circular, com canteiro no topo, dois bancos ou poiais, de planta em forma de segmento circular, encostados ao muro ladeando o Marco

Fontanário a Nascente e a Poente.

Tipo de decoração apresentada - aplicações azulejares (painéis figurativos).

Inscrição - nos painéis azulejares: "Vila do Seixal" (na faixa do Brasão de Armas do Município), "Francisco Vaz" e "Francisco Vaz 1990"; em placa esmaltada de fundo azul e letras e moldura a branco: "Este chafariz é teu. Estima-o de modo a que o teu semelhante o encontre sempre limpo."

Área delimitada - a Norte pelo passeio e dos restantes lados pelo muro de suporte.

Dimensões

Descrição Geral

Marco Fontanário, constituído por um pilar de secção quadrangular, com os cantos boleados em toda a extensão, excepto na parte superior (cerca de 1/6 da altura total do pilar), onde as arestas são esquinadas. O coroamento do pilar é composto por um capitel, arqueado em cada uma das quatro faces, apresentando, de baixo para cima, uma faixa, uma gola, uma garganta, um filete, uma faixa, depois duas faixas escalonadas (com o comprimento do lado a diminuir da de cota inferior até à superior, um tronco de pirâmide quadrangular e assente na plataforma correspondente a esta última, um vaso em faiança moldada e relevada, de cor branco-sujo, decorado com motivos vegetais (folhagem) e quatro mascarões - duas faces humanas e dois leões, cada um destes últimos segurando na boca uma argola (moldada na própria peça).

Encostada à face Norte do pilar, encontra-se uma pia em forma de paralelepípedo rectangular, em alvenaria de tijolo, capeada a pedra lioz; três vergalhões de ferro, paralelos entre si e à face do pilar, estão cravados nas faces interiores laterais (Nascente e Poente) da pia, servindo para apoio de vasilhame.

Na face Norte do pilar, cerca de 0;60 m acima da pia, está instalada uma torneira de saída redonda, modelo bico-de-papagaio. No topo da mesma face, encontra-se um painel de quatro azulejos brancos, contendo pintado a azul o brasão da Cidade do Seixal (ostenta cinco torres na muralha), mas com a inscrição "Vila do Seixal" na faixa; à direita e em baixo, a inscrição "Francisco Vaz"; o painel está emoldurado por uma faixa de azulejos de cor azul -escuro.

O pilar e a pia estão enquadrados num espaço semi-circular, com o diâmetro a Norte, onde abre para o passeio, e delimitado dos restantes lados por um muro de suporte dos terrenos que envolvem o citado espaço, encimado por um canteiro. Junto à parte Norte deste espaço e encostados ao muro de suporte, dois bancos ou poiais, em alvenaria ou betão armado e capeados a pedra lioz, ladeiam o pilar e respectiva pia a Nascente e a Poente. Na face interna do muro de suporte, sobre cada um dos bancos, foi aplicado um painel figurativo de vinte e oito azulejos, com moldura e figuras a azul, sendo estas últimas enquadradas em elipses brancas. Ambos os painéis contêm inscrito o nome do autor - Francisco Vaz - e a data de execução - 1990. O painel do lado Nascente representa um pescador e contem a inscrição "Pescador do Barreiro e Seixal", em letra cursiva; o painel do lado Poente representa uma vista do rio, a partir do Seixal, com alguns anacronismos (está representada a guarda metálica que acompanha o passeio, um dos candeeiros instalados ao longo da guarda, o Moinho de Maré da Torre e, no rio, uma Muleta, que não é contemporânea do equipamento urbano que garante actualmente as margens ribeirinhas do Seixal).

No topo do lado Poente do muro de suporte, voltada para o Largo dos Restauradores, está fixada uma placa em ferro esmaltado, de fundo azul e Letras e moldura a branco, com a inscrição "Este chafariz é teu. Estima-o de modo a que o teu

semelhante o encontre sempre limpo.".

Captação de água

Canalização de água da rede pública - anteriormente, era alimentado por água canalizada a partir de um poço existente sob o edifício do antigo Tribunal do Seixal (ver Ficha de Levantamento nº. 2).

Estado de conservação

Situação actual

Manutenção assegurada

Factores de degradação

Naturais

Antrópicos

Documentação cartográfica

Carta Topográfica 442-2/4-3, à escala 1:2.000

Identificação do imóvel



Marco Fontanário da Rua 1^ª de Maio
Amora

Tipologia

Marco Fontanário

Denominação corrente

Marco Fontanário da Rua 1º. de Maio ou Chafariz da Escadaria da Igreja.

Proprietário(s)

Câmara Municipal do Seixal

Data de edificação

Foi construído no final da década de 50 ou início da década de 60 do séc. XX, quando da instalação da rede pública de distribuição de água no concelho. Substituiu um chafariz existente no local.

Construção

Camarária

Localização

Freguesia - Amora

Localidade - Amora

Sítio - Amora de Cima

Rua - Rua 1º. de Maio

Acessos - Rua 1º. de Maio

Equipamentos urbanos complementares

Integrado em pequeno largo ajardinado, com árvores, bancos (estrutura de betão armado ou alvenaria de tijolo, assento em ripado de alumínio termolacado de cor castanha, sem espaldar), telefone público e dois candeeiros (coluna em ferro fundido, com caneluras, pintada com tinta de esmalte de cor verde-garrafa e globo de vidro fosco martelado); pavimento em calçada portuguesa (calcário branco).

Situação jurídica

Núcleo urbano antigo

Previsão de destino

Manutenção em funcionamento.

Dados históricos e cronológicos**Elementos de arquitectura ou decoração a destacar**

Materiais de construção - ferro fundido, latão, betão armado ou alvenaria de tijolo, pedra (lioz)

Escoamento de água por torneira (de latão)
Escoamento de águas residuais para rede pública de águas residuais
Pavimento - a base do marco fontanário assenta directamente no passeio em calçada portuguesa (calcário branco)
Muro / banco de apoio
Tipo de decoração apresentada
Inscrição - "Luselite Lisboa", em baixo relevo, em chapa rectangular de latão, fixada no topo do Marco Fontanário; próximo da base do marco, está colocado uma placa circular e respectivo suporte vertical (adaptada de um sinal de trânsito vertical), com a inscrição "AVISO EXPRESSAMENTE PROIBIDO A LAVAGEM CARROS J. F. AMORA"
Área delimitada - pela base em que assenta o marco
Dimensões

Descrição Geral

Marco fontanário, constituído por um pilar em ferro fundido, de secção octogonal (com um dos eixos alongado), alternando (quatro) faces lisas com (quatro) faces com caneluras (estas últimas mais largas), sendo o remate superior dos alçados semi-circular, com as caneluras paralelas e concêntricas; no topo do pilar, encontra-se fixada uma pequena placa de latão, com a inscrição "Luselite Lisboa" em baixo relevo. O marco está pintado com tinta de esmalte, de cor verde-garrafa.

O pilar assenta numa base de forma paralelepípedica rectangular, revestida com lajes de pedra lioz polida; A laje que reveste a face superior da base ultrapassa as faces laterais da mesma, formando uma pequena cornija (em faixa) em toda a volta. Integrada na própria base, a Sueste do marco, abre-se uma pia, de planta rectangular, com a face interior simplesmente rebocada. Três vergalhões de ferro estão cravados nas paredes interiores da pia, sendo paralelos entre si e ao alçado principal do marco; no fundo da pia, uma grade em ferro garante a entrada do sumidouro.

Captação de água

Canalização de água da rede pública

Estado de conservação

Situação actual

Manutenção assegurada - pela Junta de Freguesia de Amora

Factores de degradação

Naturais
Antrópicos

Documentação cartográfica

Carta Topográfica 442-2/5-2, à escala 1:2.000

Identificação do imóvel



Poço da Mota, Praça da Liberdade
Arrentela

Tipologia

Poço

Denominação corrente

Poço do Mota

Proprietário(s)

Câmara Municipal do Seixal

Data de edificação**Construção**

Camarária (?)

Localização

Freguesia - Arrentela

Localidade- Arrentela

Sítio - Arrentela

Rua - Praça da Liberdade

Acessos - EN 378 (Av. da República)

Equipamentos urbanos complementares**Situação jurídica**

Núcleo urbano antigo

Previsão de destino

Não definida. Provavelmente, a construção será preservada mas sem que o poço seja utilizado.

Dados históricos e cronológicos**Elementos de arquitectura ou decoração a destacar**

Materiais de construção - alvenaria de tijolo e/ou pedra, azulejo, ferro forjado, pedra.

Escoamento de água - fazia-se por bica, sendo elevada através de bomba manual, accionada por sistema de alavanca.

Escoamento de águas residuais para pia e daí para rede pública de águas residuais. Pavimento

Muro / banco de apoio

Tipo de decoração apresentada - aplicações azulejares (painel figurativo); cantaria.

Inscrições - 1845 (no muro de guarda do poço, atrás do sítio da bomba de

elevação da água); CML DA V^a. DO S^aL ANNO 1838 (no alçado Sueste do muro de guarda).

Área delimitada - pelo pavimento que circunda o poço e pela estrutura tubular metálica que sobreposta ao conjunto.

Dimensões

Descrição Geral

Poço desactivado, com paredes e muro de guarda em alvenaria de pedra e/ou tijolo, tapado com duas lajes semi-circulares em betão armado. Na laje sita mais a Sul, existe um pequeno respiradouro em chapa de ferro. Encostada ao alçado Sudoeste do muro de guarda, encontra-se uma pia, de planta rectangular, em alvenaria ou betão armado, no interior da qual ainda se podem observar algumas peças do mecanismo da antiga bomba de elevação da água. Na face Sudoeste da pia foi aplicado um painel azulejar (12 peças) figurativo, com uma vista que abrange o Cruzeiro, algumas casas da Calçada da Boa-Hora, o Adro, a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Consolação da Arrentela e da Torre de Pressão de Águas, tirada da Travessa do Major, próxima do Largo do Cruzeiro. Os azulejos têm fundo branco e a imagem, toda pintada em azul, está enquadrada por uma moldura de motivos florais. Alguns azulejos apresentam-se danificados (por fractura).

O poço é circundado por duas plataformas concêntricas, sendo o diâmetro da de cota mais elevada menor do que a de cota inferior. As plataformas são de pedra calcária aparelhada, com as juntas convergentes ao centro do poço.

Sobre o poço, encontrava-se instalada uma estrutura tubular (em ferro), de planta quadrada, apoiada sobre quatro prumos, também tubulares e do mesmo material, embebidos na plataforma de diâmetro superior (retirada em Outubro de 2002).

Originalmente, este imóvel foi um chafariz, de modelo bastante usado no concelho antes do advento da água canalizada. Era composto pelo poço, acoplado a um pilar, no qual estava instalada uma bomba elevatória, accionada por sistema de alavanca. Contígua ao pilar, do lado oposto ao poço, encontrava-se uma pia, para onde escoavam as águas.

O poço teve uma cobertura, hoje desaparecida e substituída pelas supra referidas lajes em betão armado, em forma de pirâmide (provavelmente com oito faces laterais) truncada, em chapa (com as placas soldadas ou rebitadas) de zinco (?); no topo da cobertura estava instalado um respiradouro, consistindo num tubo cilíndrico coroado por uma cobertura cónica. Na cobertura existia ainda uma ou duas tampas, que abriam girando sobre dobradiças, permitindo a verificação e limpeza do interior do poço.

O pilar, do qual só restam alguns vestígios, tinha forma paralelepípedica, era construído em alvenaria de tijolo e/ou pedra, rebocada, com coroamento simples. No pilar estava instalada a parte principal do mecanismo da bomba elevatória, feita em ferro, que era accionada manualmente, através de um sistema de alavanca.

A saída da água fazia-se por bica, em bronze, e escoava para a pia. Sobre essa pia estavam instalados vergalhões de ferro, para apoio de vasilhame.

Captação de água

Poço

Estado de conservação

Situação actual

Ameaçado - desactivado, recebe alguma intervenção pontual.

Factores de degradação

Naturais

Antrópicos - desactivação

Documentação cartográfica

Carta Topográfica 442-4/1-3, à escala 1:2.000